



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

**Rádios locais e as ligações com o público:
O caso da Rádio Cova da Beira**

Diogo Manuel Domingues de Jesus

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Jornalismo

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor João Carlos Correia

Covilhã, Outubro de 2012

Dedicatória

Dedico esta dissertação ao meu avô Joaquim da Silva Domingues.

À minha avó Salete Caria Antunes.

Aos meus Pais: Augusto e Cristina Jesus.

Aos meus Irmãos: Fábio e Joel Jesus.

À D^a Madalena Lopes.

Aos ouvintes, funcionários e colaboradores da Rádio Cova da Beira.

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização desta dissertação de obtenção do grau de mestre em Jornalismo pela Universidade da Beira interior.

Ao meu orientador o Professor Doutor João Carlos Correia, que me ajudou a trilhar o melhor caminho para a realização deste estudo.

Aos ouvintes que aceitaram partilhar as suas experiências de vida em especial à Fernanda Mota, Conceição Custódia, Gil Cruz, Madalena Lopes, Rosa Antunes, Rui Pereira, entre tantos outros.

Agradeço ao Fernando Fernandes, à Ana Gil e ao Miguel Malaca pela paciência demonstrada ao longo das conversas sobre a história da RCB e pelas respostas às perguntas que lhes enderecei.

Agradeço à direcção da rádio que autorizou a consulta dos seus arquivos e utilizar todos os recursos de que a cooperativa de radiodifusão dispõe.

Um agradecimento particular ao director de programação da Rádio Cova da Beira, João Canavilhas que se disponibilizou para responder às perguntas que lhe enderecei.

A todos o meu bem-haja.

Resumo

As rádios locais continuam a ser órgãos de comunicação social de proximidade, onde ouvintes encontram uma via para fazerem soar as suas preocupações e ao mesmo tempo uma forma de ocuparem os seus dias evitando a solidão que assola dramaticamente as regiões desertificadas do interior.

Por vezes este tipo de órgãos de comunicação não são apenas difusores e divulgadores da informação tornam-se igualmente repositórios da memória colectiva da área que abrangem.

É este o caso da Rádio Cova da Beira, fundada sob a alçada da ilegalidade no decorrer do ano de 1986, uma estação que tem sabido resistir à crise e manter uma intensa actividade na sua área de abrangência.

Neste tipo de emissoras, é bem patente uma ligação especial com o seu público, qual será a natureza destas ligações, quais as razões que contribuem para esta dinâmica, como surge e como se amplifica.

No caso da RCB essa ligação parece ser mais intensa, fruto da abertura da rádio à comunidade feita através da antena ou de iniciativas abertas ao público.

Palavras-chave

Rádios Locais, Memória, histórias de vida, informação, notícias, programação, Rádio Cova da Beira.

Abstract

Local radio continues to be the media of proximity, where listeners find a way to make sound their concerns and at the same time a way to occupy their days avoiding loneliness that plagues dramatically desertified regions of the interior.

Sometimes this type of media outlets are not just broadcasters and publishers of information also become repositories of collective memory of the area they cover.

This is the case of Radio Cova da Beira, founded under the purview of illegality during the year 1986, a station that has been able to resist the crisis and maintain an intense activity in their area.

In this type of broadcast is evident a special connection with their audience, but what is the nature of these links, what the reasons that, what contribute to this dynamic, as it appears and how it amplifies.

In the case of RCB this connection seems to be more intense, thanks to the opening of the community radio done via antenna or initiatives open to the public.

Keywords

Local Radio Station, Memory, life stories, information, news, programming, Radio Cova da Beira.

Índice

Dedicatória.....	iii
Agradecimento.....	v
Resumo.....	vii
Abstract.....	ix
Introdução.....	1
Capítulo 1 Tema, Problema e Metodologia.....	3
Capítulo 2 Surgimento do meio radiofónico.....	11
2.1 A Rádio como memória.....	13
2.2 A génese das rádios locais.....	15
Capítulo 3 O Caso da Rádio Cova da Beira.....	20
3.1 Do sonho à realidade.....	21
3.2 A evolução dos meios técnicos.....	30
3.3 O dia-a-dia na Redacção.....	32
3.4 Os programas.....	34
3.5 Os passatempos.....	41
3.6 A publicidade.....	45
3.7 RCB: uma porta aberta.....	46
Capítulo 4 Quando a RCB se cruza com a vida dos ouvintes.....	50
Capítulo 5 RCB, um olhar sobre o futuro.....	61
Conclusões.....	64
Referências Bibliográficas.....	69
Anexos.....	xviii

Lista de Figuras

Figura n.º1 - Área abrangência dos 2 emissores da RCB.....	24
Figura n.º 2 - Estúdio principal em 1991 e 2012.....	31
Figura n.º 3 - Grelha de Inverno 2012-2013.....	36
Figura n.º 4 - Carlos Gaspar, apresentador do “Gentes da Beira”.....	41
Figura n.º 5 - Gráfico de participação por género.....	44
Figura n.º 6 - Gráfico de participação semanal.....	44

Lista de Tabelas

Tabela n.º 1 - Rádios locais na área de abrangência da RCB (2011).....	19
Tabela n.º 2 - Funcionários da Rádio Cova da Beira.....	26
Tabela n.º 3 - Colaboradores do Desporto.....	34
Tabela n.º 4 - Colaboradores da Programação.....	37

Lista de Acrónimos

ANACOM	Autoridade Nacional de Comunicações
APR	Associação Portuguesa de Radiodifusão
ERC	Entidade Reguladora para a Comunicação Social
GMCS	Gabinete para os Meios de Comunicação Social
RCB	Rádio Cova da Beira

Introdução

O meio radiofónico continua a ser, dos meios de difusão de informação que dispomos, um meio de massas.

Podemos basear esta afirmação na facilidade de aquisição do receptor, cada vez mais portátil e menos dispendioso em termos de custos de manutenção.

A facilidade de utilização pode ser também uma das razões que levam a rádio a cativar cada vez mais pessoas a fidelizá-las e tornando-se, em certos casos, a única companhia para ajudar a passar o tempo.

A passagem da televisão analógica para a digital pode constituir uma oportunidade de as rádios acentuarem a sua importância nos lares mais desfavorecidos ou com pessoas idosas que não têm recursos para realizar a migração.

Ao reflectirmos sobre a situação da radiodifusão no nosso país várias são as perguntas com as quais somos confrontados, contudo a mais importante é saber se, no caso da rádio, existem algumas relações ou ligações com o seu público?

Embora a resposta pareça fácil de encontrar, existem muitos factores que são necessários ter em conta para se encontrar a chave para esta questão podemos enumerar alguns deles como a proximidade, a dimensão e área de difusão, a grelha de programação, o tipo de música ou a existência de espaços informativos e de antena aberta ao público.

Mesmo assim podemos afirmar que, tendo por base a observação de alguns casos, existe sim uma relação entre as emissoras de rádio e os seus públicos, contudo esta não parece ser igual em todos os casos.

Contudo existe um tipo de emissoras, com características próprias, onde essas ligações parecem ser mais fortes e sobre as quais vai se centrar o presente estudo.

São elas as rádios locais, órgãos de comunicação social de proximidade, quase familiares, nos quais os seus públicos depositam confiança, seja nas informações veiculadas seja nos próprios profissionais com os quais interagem, uma situação que se verifica mais facilmente neste tipo de estações do que nas estações nacionais.

Na região da Beira Interior, que territorialmente congrega os antigos distritos de Castelo-Branco e Guarda existem várias rádios ditas locais como por exemplo a Rádio Altitude (Guarda), Rádio Clube da Covilhã, Rádio Clube de Monsanto (Idanha-a-Nova) e a Rádio Cova da Beira (Fundão).

A maior parte destas rádios locais têm a sua formação no movimento que varreu a Europa onde proliferaram rádios livres, rádios comunitárias que ficariam conhecidas na história como rádios piratas.

Este tipo de emissoras teve uma grande adesão por parte das populações que tinham finalmente um espaço para fazer ecoar as temáticas que lhes afectam o quotidiano.

De todas estas rádios referidas há uma, onde a relação com os elementos do seu público parece ser mais forte, uma tendência que se evidenciou desde a sua fundação em 1986 trata-se da RCB-Rádio Cova da Beira uma cooperativa de responsabilidade limitada com estatuto de utilidade pública a emitir em 92.5 e 107.0 FM e com sede no Fundão.

Ao longo de 26 anos de actividade, a RCB esteve sempre na linha da frente no campo da informação regional, possuindo um vasto arquivo onde podemos encontrar um leque bastante alargado de temas que vão desde sociedade, desporto, política sem contar com os muitos programas e entrevistas.

Falar da Rádio Cova da Beira é falar de um projecto de comunicação que aposta numa vasta rede de colaboradores tanto a nível de informação como a nível de programação uma situação bem patente nas noites da grelha de inverno exclusivamente preenchida com programas de autor produzidos pelos próprios colaboradores.

Tratando-se de uma emissora com mais de um quarto de século de história e actividade, constitui-se ao mesmo tempo um veículo assaz importante na difusão da informação regional e um repositório da memória de uma região, cultura, povo e no fundo da sociedade.

Esta afirmação é facilmente comprovada com uma incursão pelo vasto arquivo sonoro da Rádio Cova da Beira onde estão gravadas conversas, histórias, problemas, momentos e tantos outros casos que se foram enredando com o percurso da RCB.

É nesta linha que se insere o projecto que pretendemos iniciar, composto por uma parte de enquadramento teórico onde se insere uma exposição historiográfica da RCB, e de uma parte prática onde traçaremos um retrato das ligações existentes entre a rádio e o seu público.

Capítulo 1

Tema, Problema e Metodologia

Num momento em que a crise se alastra a todos os sectores de actividade, torna-se importante analisar a dinâmica das rádios locais, entenda-se como fazendo parte desta dinâmica o seu aparecimento, evolução, sustentabilidade e relações com o seu público.

Sabemos que é cada vez mais difícil manter um projecto de comunicação que apresente qualidade, rigor e isenção apenas recorrendo a receitas publicitárias, prova disso são as notícias de encerramento de rádios locais cada vez mais frequentes, como foi o caso da recente interrupção das emissões da Rádio Jornal do Fundão, asfixiada pela falta de publicidade e pela fraca rentabilidade do investimento feito pela empresa detentora da estação emissora.

É neste seguimento que surge o tema desta dissertação “Rádios locais e a ligação com o público”, uma vez que torna-se importante estudar os fenómenos relacionados com estes meios de comunicação social de proximidade e de que forma reagem ao quadro económico, político e social que atravessamos actualmente, nunca esquecendo a razão principal da sua existência, aliás subsistência, o seu público.

Entendemos ser, neste caso, necessário dar uma noção do conceito de público que vamos abordar ao longo deste trabalho, para isso recorreremos a autores como DIAS (2001, p.337), que defende:

“um público passa a existir quando há um assunto social relevante que canaliza a atenção”. Público é um conjunto de pessoas, em geral dispersas geograficamente, que tem um interesse em comum. O público nem sempre atua em conjunto, mas, individualmente podem tomar decisões homogéneas. O facto de “criar”, “tomar”, “manter” decisões, mostra que há um nível de racionalidade no Público que inexistente em outras colectividades.”

Não admira que seguindo este caminho apontado pelo autor consideremos como público da RCB o grupo indefinido de indivíduos que partilha o gosto em seguir a estação e até participar nela.

No que respeita às condições de trabalho e funcionamento destes órgãos de comunicação regional devemos prestar atenção a um factor primordial, a propriedade, isto é a natureza jurídica da rádio em questão.

Neste campo podemos identificar uma tendência crescente, no sector das rádios locais, de aglomeração ou fusão com cadeias nacionais passando a rádio local a ser um mero retransmissor da estação nacional ou das suas rádios temáticas. Está é uma das situações que coloca diariamente em risco a continuação de muitas emissoras que deixam de gerar as receitas necessárias para a sua subsistência.

Esta situação cria ainda mais dificuldades a quem luta para suportar os custos de manutenção de um projecto semelhante ao que vai ser estudado a Rádio Cova da Beira.

Não é por isso de admirar que se generalizem situações como a descritas na seguinte notícia da Agência Financeira editada dia 1 de Outubro de 2012:

***“Rádios locais: 30% dos trabalhadores em risco de despedimento
Maioria regista queda de 20 a 50% na faturação***

A Associação de Rádios de Inspiração Cristã (ARIC) alertou esta segunda-feira para o risco de despedimento de 30% dos trabalhadores do sector e revelou que já pediu ajuda ao Governo para ultrapassar os problemas financeiros existentes. Em declarações à Lusa, o presidente da ARIC, Nuno Inácio, explicou que foi entregue ao Governo um estudo elaborado com base em inquéritos realizados às 37 estações de rádio associadas, «para, em conjunto com a tutela, propor caminhos para salvaguardar os projectos de informação local, nomeadamente atrás de linhas de financiamento». De acordo com as conclusões do estudo, a que a Lusa teve acesso, «78% das rádios inquiridas assinalam uma quebra no seu desempenho económico». A maioria das rádios baixou este ano a sua facturação entre os 20 e os 50%. Estes dados levam o responsável a falar de «cenário negro», justificado pelo facto de que «a maior parte das rádios locais vive do mercado publicitário local, das Pequenas e Médias Empresas que, por sua vez, estão a desinvestir na publicidade devido às dificuldades de tesouraria e de financiamento».

Da análise dos inquéritos resulta também que «45% das rádios já não conseguem ou prevê não conseguir cumprir atempadamente com os seus compromissos para com os seus colaboradores» e 30% admitem «dispensar trabalhadores».

Só na primeira quinzena de Setembro, 12 rádios locais mostraram intenção junto da ARIC de vender o seu alvará de emissão e de encontrarem comprador, apesar de ainda não existirem casos de encerramento.

Para manterem a grelha de programação e fazer face aos despedimentos, as rádios estão em alternativa a recorrer a colaboradores, pessoas que trabalham a tempo parcial e sem contrato de trabalho que representam 66% dos trabalhadores das rádios.

Nuno Inácio adiantou que, até ao final do mês, a ARIC deverá reunir com o gabinete do ministro-Adjunto e dos Assuntos Parlamentares para delinear soluções para o sector.”

Hoje em dia os órgãos de comunicação que não estão sob a alçada de grandes grupos económicos, que invistam neles os meios financeiros necessários para a sua sustentabilidade e consequente actividade têm de encontrar alternativas.

Vários autores dão algumas indicações sobre um problema que o sector das rádios locais atravessa nos dias de hoje, posições que vão desde a crítica ao amadorismo de algumas emissoras, passando por apontar caminhos à sustentabilidade destas rádios.

No caso de BARBEIRO (2004, p. 144),

“só a notícia de qualidade é capaz de salvar o rádio do redemoinho provocado pelas novas tecnologias electrónicas, informáticas e cibernéticas que activam outros meios”

Contudo no sector das rádios locais a maioria das estações não possui recursos humanos e financeiros para optar por esta via já que não podemos descurar que no seu início estas rádios surgiram de movimentos amadores e muitas delas ainda continuam com essa característica bem vincada.

Contudo existem algumas que desde cedo apostaram na profissionalização dos seus funcionários e conteúdos produzidos nesse grupo está a Rádio Cova da Beira. Uma estratégia acertada na óptica de autores como Chantler e Harris (1998 p.21),

“A força do jornalismo numa emissora de rádio local é o instrumento que dá a ela a sensação de ser verdadeiramente local. Estações de rádio locais que querem atingir grande audiência e ignoram o jornalismo correm riscos. Num mercado cada vez mais disputado, o jornalismo é uma das poucas coisas que distinguem as emissoras locais de todas as outras.”

Por mais que se queira passar ao lado desta temática e mesmo com a tendente globalização as rádios locais continuam a ter um papel de destaque nas regiões que servem. Daí a ser muito difícil que esta característica da proximidade articulada com o espaço físico onde se inserem estes organismos de comunicação venha a ser ultrapassada pelos fenómenos globalizantes da nossa sociedade nesta linha CASTELLS (2001, p.447), entende que

“O espaço de fluxos não permeia toda a esfera da experiência humana na sociedade em rede. Sem dúvida, a grande maioria das pessoas nas sociedades tradicionais, bem como nas desenvolvidas, vive em lugares e, portanto, percebe seu espaço com base no lugar”.

Esta perspectiva reforça o papel que as rádios locais desempenham nos dias de hoje, e da forma como vão continuar a ser importantes mesmo no actual contexto de globalização.

Num tema tão vasto como o das rádios locais, foi necessário encontrar um ponto de partida algo com fronteiras delimitáveis e com espaço para desenvolver a minha pesquisa e estudo no âmbito desta minha dissertação, assim decidi cingir o meu estudo a um caso a Rádio Cova da Beira, uma rádio local que emite na cidade do Fundão desde o ano de 1986, data da sua fundação e primeira emissão.

No que respeita ao problema ou caso particular da Rádio Cova da Beira, órgão de comunicação social que desde o seu aparecimento tem apostado no profissionalismo e na produção dos conteúdos noticiosos, funcionando desde a sua criação como rádio escola onde muitos jovens começaram a sua ligação à rádio e ao jornalismo.

Outro dos aspectos que torna a RCB um projecto comunicacional diferente e passível de um projecto de investigação é a ligação que mantém com o seu público, seja através da sua grelha de programação, informação e passatempos ou de iniciativas públicas onde as vozes da rádio vão ao encontro dos seus ouvintes estreitando ainda mais a ligações existentes entre os dois lados do emissor.

Quanto ao método de investigação que vamos utilizar neste trabalho vai ser o etnográfico baseando-nos na observação participante do quotidiano da rádio, do seu funcionamento realizando entrevistas aos profissionais que fazem viver diariamente a RCB e a pessoas que de algum modo tiveram um papel principal na fundação do órgão de comunicação social.

No que respeita ao quotidiano da RCB podemos dizer que existem duas situações possíveis ou se segue a linha habitual, que surge da actividade normal de um organismo de comunicação realização de notícias, programas, publicidades e demais processos administrativos onde se segue uma rotina bem definida onde cada funcionário tem as suas tarefas distribuídas e está responsável por desempenhar todas as fases de produção até à sua conclusão.

A segunda situação é desencadeada caso exista um motivo para alterar o que estava estabelecido previamente seja a nível jornalístico, o mais comum, publicitário ou realização de programas patrocinados, e nestes casos a organização altera-se de

forma a conseguir congregar todos os esforços para dar resposta ao que lhe é solicitado.

Mas disso falaremos mais à frente neste estudo, explicando em concreto como é o dia-a-dia da redacção ou como são realizados os programas e concebidas as campanhas publicitárias.

Pretendemos realizar pesquisas no arquivo da rádio sobre casos particulares em que a rádio foi pioneira ou acontecimentos que marcaram a história deste órgão de comunicação regional.

Uma vez que os passatempos desempenham um papel muito importante na emissora estreitando as ligações com o seu público, vamos analisar um passatempo escolhido ao acaso, e fazer o registo das participações uma etapa que será agendada para o mês de Abril de 2012, compreendo os dias uteis de cada uma das 4 semanas completas do mês.

Este estudo vai consistir na anotação das participações desse período de tempo e tratar os dados recolhidos sob a forma de gráficos com a distribuição da amostra, sendo que o universo é constituído pelos ouvintes da RCB e a amostra constituída tem por base a participação no passatempo.

Vamos procurar relacionar a história da radio com a história de vida dos seus ouvintes para tentar inferir os laços que unem a emissora o seu público.

No caso que estamos a estudar a RCB foi importante escolher uma técnica que nos permitisse tirar o partido necessário dos informantes que constituem o público da rádio, esta é uma temática interessante e que nos proporciona uma boa base para a obtenção de conclusões.

Estas histórias de vida, são fundamentais para compreendermos os processos de ligação que ocorrem e de como podemos compreender melhor este fenómeno nesta senda ABASTADO (1993, p. 6), fala-nos concretamente da utilidade desta técnica:

“Os relatos de vida fascinam e chamam atenção. Para compreender a realidade da sociedade que eles representam, para entender seu advento e sua consagração, é preciso ir além dele próprio, constituir a prática em objecto semiótico, analisar suas funções sociais, suas significações e suas formas discursivas. Tríplex questionamento: pragmático, semântico e sintáctico. (...) Eles são mais que simples vectores de informações, eles engajam instâncias pessoais, interlocutores (reais e imaginários). O Seu sentido deriva tanto de seu conteúdo, quanto dos modelos onde eles se inspiram, da retórica que os alimenta e dos discursos que os acompanham”

É nesta complexidade que nos propomos trabalhar realizando algumas entrevistas em profundidade para obter o relato na primeira pessoa não só das experiências pessoais e sobretudo aquelas que dizem respeito à RCB e de que forma esta se mistura e entranha nas vidas relatadas.

Não nos interessa propriamente, neste campo, aferir sobre dados estatísticos, antes pelo contrário, o que se busca nesta vertente do projecto é conhecer o público de uma rádio local e como este se relaciona com a sua estação emissora, vamos procurar saber como surgem estas ligações, como se desenvolvem, como se sustentam no fundo quais são as dinâmicas associadas a este movimento.

Para realizar esta tarefa será necessário escolher um método qualitativo que melhor se adapte às finalidades do estudo.

Neste caso em concreto existe a necessidade de conhecer a história de vida de 7 ouvintes previamente seleccionados das bases de dados dos participantes em passatempos e concursos da rádio.

Para recolher os dados escolhemos a entrevista em profundidade, uma forma de recolha de dados que permite retirar um maior partido das informações recolhidas e onde o entrevistador interage de uma forma mais profunda com o informante.

O passo seguinte será escolher a modalidade de entrevista em profundidade que se pretende aplicar sabendo que não nos interessa investigar a sua vida em concreto mas sim a parte da vida partindo do momento em que se tornou seguidor da Rádio Cova da Beira.

Neste sentido das duas modalidades de entrevista em profundidade existentes vamos optar pela entrevista em profundidade tópica uma vez que o que se pretende não é um retrato completo das suas experiências de vida mas sim uma focalização na etapa compreendida entre o momento do primeiro contacto com a rádio até ao momento presente, compreendo as motivações da preferência deste órgão de comunicação social.

Esta técnica de obtenção de informação começou por ser utilizada nos anos 20 do século XX e consiste em obter a narração da experiência de vida de uma pessoa e a informação recolhida deve ser enquadrada numa perspectiva sociocultural (COLÁS, 1998). Podemos recorrer a mais autores para dar uma perspectiva mais concreta dos conceitos em questão por exemplo a perspectiva de SOUSA (2006, p.22-39),

“As histórias de vida são, actualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e de formação, através da adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos a outra lógica de formação do adulto, a partir dos saberes tácitos e experienciais e da revelação das aprendizagens construídas

ao longo da vida como uma metacognição ou meta-reflexão do conhecimento de si.”

Esta é uma técnica que se aplica em duas fases a primeira é a realização da entrevista obtendo do informante a resposta ao leque de questões que o entrevistador preparou num segundo momento deve-se fazer uma cuidada transcrição e análise dos relatos obtidos, estando neste as principais dificuldades metodológicas da aplicação desta técnica uma vez que se a transcrição for feita de maneira incorrecta pode alterar o sentido das respostas e deitar por terra todo o trabalho de preparação e aplicação da entrevista em profundidade.

Sobre esta temática Queiroz (1983),aponta para a dificuldade ou a quase impossibilidade de se recuperar as memórias vividas com todas as suas particularidades:

“o documento escrito, resultado destas duas fases, é uma pálida cópia da realidade, e é sobre esta pálida cópia que trabalha o pesquisador”.

Outra das dificuldades da aplicação desta técnica reside nas diferenças entre entrevistador e entrevistado no que toca ao uso da linguagem, registo de língua, cultura ou sistema de valores.

Aqui podemos apontar para os estudos de Ferrarotti (1980) onde o autor fala do receio de não se estar suficientemente atento e sensível para compreender a fundo e transcrever correctamente os textos biográficos.

Para isso há que ter em linha conta certos aspectos quando utilizamos a técnica das histórias de vida uma vez que o nosso material de trabalho é muito delicado e pode ser contaminado facilmente e segundo Galvão (2005, p.327-345),

“[...] não temos acesso directo à experiência dos outros, lidamos apenas com representações dessa mesma experiência por meio do ouvir contar, dos textos, da interacção que se estabelece e das interpretações que são feitas”.

Outro dos momentos da recolha de dados para comprovar as afirmações e as posteriores conclusões é um inquérito via telefone onde vamos escolher ao acaso da base de dados dos ouvintes da RCB, 150 indivíduos, 80 do sexo feminino e 70 do sexo masculino e aplicar um inquérito relativamente pequeno focado nos aspectos sobre os quais queremos encontrar dados que corroborem as nossas afirmações e para de certa forma podermos construir uma caracterização do Público da Rádio Cova da Beira.

No que respeita às entrevistas aos funcionários da rádio serão aplicadas tendo por base o seguinte critério de selecção, pretendemos realizar entrevista ao responsável pela publicidade, visto ser este o motor da actividade deste tipo de emissoras, ao responsável pela produção de programas e conteúdos e a um dos cinco jornalistas da RCB.

No caso dos jornalistas o critério utilizado na selecção do indivíduo a entrevistar foi baseado numa escolha aleatória, para isso foram colocados papéis com nomes dos jornalistas dentro de um saco e ditou a sorte que a nossa fonte de informação neste domínio fosse o jornalista Miguel Malaca, que trabalha na RCB desde 1991.

Capítulo 2

Surgimento do meio radiofónico

Ao longo deste capítulo vamos apresentar os fundamentos teóricos e demais informações relacionadas com o surgimento do meio radiofónico. O que se apresenta de seguida é uma pequena introdução histórica de como surgiu o meio como se desenvolveu a nível internacional.

Podemos considerar como ponto de partida neste campo os estudos de investigadores como Maxwell, Faraday e Hertz através do desenvolvimento das suas teorias foram abertas as portas de uma nova era nas comunicações. Nikola Tesla, um engenheiro jugoslavo, dedica-se a por em prática as descobertas feitas anteriormente e no seguimento das suas experiências consegue inventar a rádio e não perde tempo a depositar uma patente sobre a sua invenção.

Anos mais tarde em 1882, já estabelecido como cidadão americano, Tesla apresenta um modelo de rádio e em 1898 consegue controlar através de ondas rádio um barco robot.

Estavam lançadas as bases da rádio como hoje a conhecemos, depois de trabalhar para empresas como a de Edison, Tesla criou a sua própria empresa onde passou a produzir e comercializar as suas invenções.

Gera-se uma grande disputa entre os vários investigadores que reclamavam a rádio como invenção sua e Tesla acaba por morrer em 1943 sem conseguir provar que a rádio fora invenção sua, mesmo depois de terem sido declaradas inválidas, algumas patentes de Marconi e de ficar provado que havia utilizado patentes de Tesla no decurso das suas invenções.

Nesta linha é necessário ter uma visão genérica sobre a evolução da rádio no seio do nosso país, para que seguidamente se entre no cerne da questão relacionada com as rádios locais.

Embora existissem experiências anteriores, é no ano de 1901 que são dados, em Portugal, os primeiros passos na chamada telegrafia sem fios, com a introdução de aparelhos transmissores de ondas electromagnéticas instalados na marinha e no exército.

Em Março desse mesmo ano fazem-se as primeiras experiências no domínio da telegrafia sem fios no seio das forças armadas, contudo só em 1925 se tem conhecimento da utilização desta tecnologia em meio civil.

Potenciada pelos progressos no desenvolvimento da telegrafia sem fios dá-se o aparecimento no ano de 1924 da primeira estação de rádio nacional a CT1 AA.

Estava dado o pontapé de partida no aparecimento de várias emissoras de rádio, entre estas estações estão as tão conhecidas Rádio Renascença, Rádio Clube Português e a Emissora Nacional.

Durante o Estado Novo, apesar da censura prévia e outros mecanismos de controlo exercidos pelo estado, a Rádio Renascença e Rádio Clube Português conseguiram afirmar-se como as duas maiores estações emissoras privadas, em contraposição com a Emissora Nacional detida pelo estado.

À semelhança de outros regimes totalitários espalhados um pouco por toda a Europa também em Portugal a rádio foi aproveitada como veículo de propaganda dos ideais defendidos pelo regime.

Disso fazem prova os inúmeros discursos do presidente do conselho de ministros, António de Oliveira Salazar transmitidos pela emissora nacional e mais tarde através da RTP, veiculando as ideias e dogmas do regime fascista.

No período revolucionário a rádio volta a ter um papel preponderante no decorrer das operações, não foi à toa que uma das primeiras acções do MFA foi ocupar a sede da emissora nacional tal a importância deste meio de comunicação, para o desenrolar das operações militares e foi através dela que foram emitidos os comunicados do posto de comandos e as senhas da revolução.

Com a chegada da liberdade, uma nova concepção começou a surgir da emergência e da necessidade de informação de proximidade, que faça ouvir as preocupações do meio local e regional.

Esta nova forma de estar e liberdade leva ao aparecimento de órgãos de comunicação social que consigam suprimir as lacunas da imprensa nacional, impossibilitada de noticiar, dar espaço e atenção à multiplicidade local e regional do país.

Estavam lançadas as bases do que hoje conhecemos como rádios locais, meios de comunicação social onde a proximidade com os seus públicos potencia a sua acção.

É do surgimento destes órgãos de comunicação social de cariz local e da união de esforços das comunidades em torno da sua rádio que vamos falar mais à frente nesta dissertação.

Por agora falamos de uma vertente da rádio que e muitos casos, parece estar esquecida e não se lhe dá a devida importância.

Para além do seu papel de difusoras de informação as rádios têm igualmente um papel preponderante na preservação da memória das populações onde se inserem,

não esquecendo que são fundamentais para a construção da memória colectiva dessas mesmas populações.

Posto isto e considerando a importância desta temática, vamos dedicar-lhe uma atenção especial ao longo do próximo capítulo

2.1 A Rádio como memória

Para melhor entendermos do que se fala temos que, em primeiro lugar, definir e deixar bem claro o que se entende por memória e qual é o sentido pretendido quando a confrontamos com o conceito de rádio e quais as relações que as interligam.

A memória trata-se assim de um processo que consiste em lembrar acontecimentos ocorridos, aqui encontramos o primeiro problema dado que o mesmo episódio pode suscitar memórias diferentes dependendo da forma com este é observado, transmitido e das condições em que se encontra o observador.

Surge de uma forma natural através dos processos cognitivos e perdura no tempo consoante a utilidade que se quer dar tendo por isso durações diferentes.

Para Michael Pollak (1989, p. 9), a memória é:

“uma operação colectiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”.

Assim sendo este é um processo que podemos considerar um tanto subjectivo uma vez que entram em linha de conta vários aspectos que podem condicionar a memória final, desta forma não podemos encarar a memória como um processo isolado que só depende do indivíduo.

Embora Halbwachs (1990, p. 51), defenda que *“A memória individual é um ponto de vista sobre a memória colectiva”*, não devemos minimizar a importância das memórias individuais elas estão interligadas com a memória colectiva e socorrem-se delas em caso de necessidade.

Não podemos falar de memória sem nos confrontados com outra interligação de conceitos neste caso o de memória e identidade uma vez que é através da memória que a identidade se constitui e é em torno dela que se desenvolve.

Neste sentido Michel Pollak (1992) vincula o conceito memória ao conceito de identidade, o autor acredita que a identidade se desenvolve assentando em três

elementos fundamentais: o lugar, o tempo e a percepção de coerência dos elementos que formam o indivíduo.

São várias as questões que se levantam quando tentamos confrontar conceitos como memória e identidade com o exercício da actividade radiofónica somos levados a crer inicialmente que são campos diferentes, contudo estão mais próximos do que à partida se possa pensar.

Quais serão pois as relações existentes entre a memória, a identidade e o meio radiofónico?

Pode a rádio favorecer a memória e criação de uma identidade?

Podemos conceber a prática da rádio sem aludir aos conceitos de memória e identidade?

O primeiro ponto a focar para tentar responder a este conjunto de questões é o da preservação da memória, neste campo a rádio pode ter um papel de relevo permitindo que para além da função de difusor de informação possa constituir um repositório da memória colectiva da região que o envolve.

Esta situação contribui para o favorecimento, o aparecimento e a disseminação de uma identidade colectiva que passa a ser partilhada pelo seu público.

Esta é uma vertente do meio radiofónico que parece ser mais forte nos órgãos de comunicação local uma vez que por aí passa quase tudo o que acontece, devido à menor área a cobrir e à maior proximidade com os seus públicos, o que permite uma maior atenção aos assuntos e temas de interesse das populações.

Considerar a rádio como um repositório da memória colectiva de um dado local só é possível graças à gravação sonora, uma técnica cada vez mais fácil de se conseguir e que ocupa cada vez menos espaço, o único entrave ao sucesso desta preservação é a ausência de condições de armazenamento apropriadas.

Em plena era digital o espaço disponível para guardar os ficheiros está cada vez mais acessível, podemos encontrar discos de armazenamento com capacidades cada vez maiores e com tamanhos cada vez mais reduzidos, tudo isto com um investimento económico não muito elevado.

Claro que tudo isto só é possível se a emissora em questão estiver dotada dos meios técnicos necessários para constituir o seu próprio arquivo evitando assim que os conteúdos produzidos pelos seus profissionais e todo o material recolhido com a sua actividade desapareçam e junto com ele parte da memória colectiva do espaço com que se relaciona.

Podemos assim afirmar que neste caso o meio funciona concretamente uma extensão do homem, uma vez que mantém ao longo do tempo um conteúdo a salvo da deturpação e deterioração a que este está sujeito com o passar dos anos.

Aqui importa deixar claro que esta mesma memória preservada pela rádio é uma componente importante dos processos de socialização do espaço físico onde se insere e é da mesma forma um dos elementos que compõem a identidade colectiva vigente.

Esta possibilidade tem várias utilidades, não só a nível jornalístico uma vez que é uma fonte muito rica em termos históricos, políticos e sociais.

Através da exploração desta vertente, que o meio radiofónico nos oferece, podemos ver facilitado o trabalho de pesquisa de campo no meio jornalístico, estando ao nosso dispor uma importante base de dados para a contextualização de uma dada matéria noticiosa.

Podemos entender, e respondendo às perguntas lançadas no início do capítulo, que a rádio pode ser um bom contributo no que toca ao estabelecimento de uma identidade colectiva já que difunde diariamente elementos que influenciam essa mesma identidade, por outro lado a rádio transmite igualmente memórias isto é relatos de acontecimentos decorridos trazidos antena através da perspectiva do jornalista e como vimos anteriormente a memória é passível de ter diversos contornos consoante quem está a presenciar ou a viver o momento.

Na própria notícia existem à partida memórias individuais que se coordenam para formar parte do produto final ou seja a memória colectiva.

Na construção de uma peça jornalística encontramos quase sempre, pelo menos, duas memórias diferentes a das testemunhas que presenciaram o acontecimento e que o jornalista entrevista, e a memória do jornalista que vai para a redacção trabalhar sobre as memórias que escutou e criar a sua própria versão dos factos, aqui está a explicação pela qual as mesmas fontes entrevistadas por pessoas diferentes vão dar certamente duas notícias diferentes.

2.2 A génese das rádios locais

Ao falar de rádios locais e do seu aparecimento não nos podemos alhear do período das rádios pirata que surgiram integradas num movimento europeu que se pode localizar no tempo nas décadas de 60 e 70 do século XX.

É inserido neste movimento repleto de novidade que em Portugal a partir do ano de 1977 começaram a proliferar um pouco por todo o país rádios ilegais, conhecidas

por rádios piratas, que juntavam amantes do meio em prol do desenvolvimento da sua localidade ou região.

Como refere FLICHY (1982, p.180-188), *“as rádios locais aparecem como uma necessidade das populações”*, surgem de facto para colmatar a lacuna dos órgãos de comunicação nacional não só a nível de debate, de informação ou de actividades puramente recreativas.

São impulsionadas igualmente devido à falta de conteúdos de proximidade nas emissoras nacionais, já que as populações sentem necessidade de estar informadas sobre temáticas que lhes afectem o quotidiano, não quer isto dizer que não se interessem com o que se passa a nível nacional, mas precisam sobretudo de saber o que se passa na sua região, cidade, aldeia ou até na sua própria rua.

Depois de mais de 40 anos sem liberdades de expressão e de participação na vida política, as populações começam a demonstrar interesse nesta temática e a debater os assuntos que lhes dizem respeito no fundo para discutir os dinamismos locais da cidade ou meio em que se inserem e buscar uma forma para dar resposta aos seus problemas e preocupações.

Surge assim a rádio local da cidade, constituindo-se como um espaço de reflexão, análise e debate público dos temas que têm repercussões directas na vida das populações.

Improvisaram-se um pouco por toda a parte estações emissoras, juntando amantes do meio ou simples curiosos dispostos a colaborar nos projectos carregados de novidade, entusiasmo e durante algum tempo foi possível a estas rádios conseguirem fazer as suas emissões regulares aproveitando o vazio legal e a falta de enquadramento deste “novo mundo”.

Não tardou até que saiu a decisão do governo em encerrar todas as rádios locais não licenciadas, e assim as rádios conhecidas por piratas foram ilegalizadas e procuradas pelos serviços radioeléctricos dos CTT.

A técnica utilizada para descobrir os locais de emissão consistia em explorar a potência do sinal até identificar o local donde se estava a proceder à emissão, local esse onde sinal era mais forte.

Esta situação obrigava os responsáveis a mudar consequentemente de local de emissão para evitar o encerramento da rádio pirata e a andar literalmente com a rádio às costas.

Dado que nasceram quase todas da mesma forma é natural que em termos de características o cenário nestas rádios não difere muito de estação para estação

possuindo como característica principal é o amadorismo dos seus dinamizadores isto mesmo refere Luís Bonixe (2003), que considera que:

“O amadorismo foi, aliás, a imagem de marca de um número considerável de projectos. A simples curiosidade ou o desejo de tornar pública uma voz alternativa ao discurso produzido pelos média nacionais, a par de alguns conhecimentos ao nível técnico (necessários para a montagem do emissor) eram factores, por si só, suficientes para criar uma estação de rádio local.”

Com o processo de ilegalização em curso muitas foram as rádios locais que simplesmente deixaram de existir, por não estarem dotadas de recursos financeiros para fazer face às despesas de legalização, outras foram assimiladas por grupos económicos e passaram a ser pura e simplesmente retransmissores da uma rádio nacional.

As rádios locais surgiram como já se disse num contexto particular e com um estatuto de ilegalidade, as conhecidas rádios piratas e em 1989 para tentar regular este novo sector em pleno crescimento o governo de Cavaco Silva abriu um concurso para enquadrar legalmente estes projectos de comunicação impondo um licenciamento para o exercício de radiodifusão.

Este processo de regulamentação das centenas de rádios piratas não surge do nada, uma vez que já em 1987 se tinham dado os primeiros passos com a publicação da *Lei nº 8/87 de 11 de Março*, revisto no ano seguinte (*Lei 87/88, de 30 de Julho*) conhecida como lei da rádio.

Contudo é definitivamente no ano de 1989, com a abertura do concurso de atribuição de alvarás de radiodifusão que se abre uma nova página na vida destes órgãos de comunicação regional.

A dimensão do fenómeno das rádios locais era tal que em certos concelhos existiam mais candidatos do que alvarás e frequências a atribuir, contudo pelo caminho ficaram outras tantas emissoras que por variados motivos não conseguiram reunir as condições necessárias para entrar no concurso público instaurado pelo governo, e uma vez encerradas nunca mais voltaram a emitir.

Passado este período e já com a situação regularizada foi tempo de cimentar e desenvolver a actividade que começou forte no início mas perdendo fulgor com o passar dos anos.

Aqui as jovens rádios locais enfrentam novamente dificuldades mas desta vez a culpa é da escassez de recursos financeiros o que levou a uma gradual estabilização do número de emissoras regionais em actividade.

Num contexto de muitos testes e experiências não é de admirar que o panorama das rádios locais se encontre em constante modificação o processo de sedimentação e consolidação destes novos organismos de comunicação sejam realidades demoradas e bastante instáveis

“De 1990 a 1993 são numerosas as alterações deste sector. Estações que fecham, que se associam a outras, que são vendidas, que alteram radicalmente o seu projecto inicial, enfim, a rádio local está longe de encontrar o seu ponto de estabilidade (MESQUITA, 1994, p. 400).”

Outras que optaram por seguir a via da legalização seguindo os passos, exigidos pelas autoridades, para obter o alvará de radiodifusão e uma frequência de emissão que era atribuída pelo estado.

Actualmente o enquadramento legal da actividade de radiodifusão é feito pela *Lei 54/2010 de 24 de Dezembro* e regulada por algumas entidades como é o caso da ANACOM que exerce autoridade em todos os aspectos técnicos respeitantes à utilização do espectro radioelétrico e da ERC que é responsável pela atribuição de licenças e autorizações para o exercício de radiodifusão.

A Atribuição de frequências é feita através de concurso público e as suas licenças válidas no caso das rádios locais por períodos de 10 anos, existem também algumas condições a respeitar no que toca à propriedade dos órgãos de comunicação locais existentes no mesmo município, assim cada pessoa individual ou colectiva não pode deter participações superiores a 25% no capital social de mais de um operador radiofónico com serviços de programas de âmbito local.

Voltando ao grupo das rádios piratas que optaram pela via da legalização iniciou-se uma longa caminhada para finalmente verem reconhecidos os seus direitos e continuarem a realizar as suas emissões. Desta lista de estações emissoras fazia parte a Rádio Cova da Beira que apesar de jovem e habituada à ilegalidade não hesitou em regular a sua situação para desta forma continuar legitimamente a sua actividade.

Actualmente na sua área de abrangência, a RCB não está sozinha existindo várias emissoras que partilham o mesmo espaço físico e disputam o mesmo público correspondente, o que confere um aspecto concorrencial à dinâmica das rádios locais que tem como objectivo tentar captar, cativar e fidelizar o maior número de ouvintes e assim conseguir um maior número de anunciantes que representam a quase totalidade das receitas e financiamentos deste tipo de órgãos de comunicação.

Tabela n.º 1 - Rádios locais na área de abrangência da RCB (2011)

NOME	CONCELHO	FREQUÊNCIA
Rádio Altitude	Guarda	90.9
Rádio Beira Interior	Castelo Branco	92
Rádio Caria	Belmonte	102.5
Radio Clube da Covilhã	Covilhã	95.6
Rádio Clube de Monsanto	Idanha-a-Nova	98.7 e 107.8
Rádio Condestável	Sertão	91.3 e 92.7
Rádio Jornal do Fundão	Fundão	100.0
Rádio Voz da Raia	Penamacor	87.7

Nos dias de hoje, o desafio deste tipo de rádios, parece ser lutar pela sua sobrevivência, dado que a crise, a que não foge o sector, continua a por entraves à sustentabilidade destes organismos locais. A quebra de receitas publicitárias coloca cada vez mais na ordem do dia a necessidade de encontrar formas alternativas de rentabilizar os recursos e fazer mais com muito menos.

Vejamos seguidamente um caso deste tipo, a Rádio Cova da Beira, um órgão de comunicação detido por uma cooperativa de responsabilidade limitada, que há cerca de 26 anos relata e leva até ao seu público o quotidiano de uma região.

Uma estação emissora detentora do estatuto de utilidade pública conferido pelo antigo primeiro-ministro António Guterres.

Foi distinguida com várias medalhas de mérito e outras tantas menções ganhas apenas sob a égide de dois lemas: “Rádio Cova da Beira, uma rádio entre a beira e o mundo” e “Porque informar é um dever”.

Capítulo 3

O caso da Rádio Cova da Beira

De ora em diante vamos falar exclusivamente do Caso da Radio Cova da Beira, um órgão de comunicação situado como o seu nome indica na Cova da Beira um vale formado pelas serras da Gardunha e da Estrela.

Nos dias de hoje funciona de forma continua o ano inteiro emitindo 24 horas de programação diárias, chegando aos lares e locais de trabalho através da rede regional de emissores nas frequências 92.5 e 107.0 FM e para todo o mundo através da internet na sua página www.rcb-radiocovadabeira.pt.

É uma rádio local com uma importante presença na internet nomeadamente com a sua página aliada às redes sociais como *twitter* e *facebook* onde aliás se encontram também as principais notícias que fazem a actualidade da região em formato escrito, com vídeo, fotografia e áudio aproveitando as potencialidades oferecidas pelas tecnologias da informação e comunicação e explorando e desenvolvendo conteúdos na senda do Webjornalismo.

Para melhor compreender o caso que estamos a estudar decidimos fazer uma caracterização do público que habitualmente segue a RCB, para isso escolhemos aleatoriamente, da base de dados de ouvintes da RCB, 150 indivíduos 70 do sexo masculino e 80 do sexo feminino.

Do total de seleccionados 23 não atenderam e realizamos 127 inquéritos telefónicos onde de uma forma genérica abordamos alguns tópicos para conseguirmos estabelecer uma caracterização do público.

Desses inquéritos apenas obtivemos respostas válidas em 100 casos com uma distribuição por género perfeitamente igualitária. Dos 27 casos em que consideramos que as respostas inválidas estão incluídos os casos como “não sabe responder” (8 casos), “não quer responder” (12 casos) ou “respostas ambíguas” (7 casos).

Depois de analisar os vários tópicos de resposta da nossa amostra podemos dizer que em termos de características fundamentais do público da Rádio Cova da Beira evidencia, num aspecto geral, uma heterogeneidade dado a sua vasta área de cobertura em termos territoriais, sociais e culturais.

Assim e de acordo com os dados obtidos ordenámos os dados os dados referidos à idade em dois intervalos o primeiro dos 15 aos 45 anos (56%) e o segundo onde agrupámos os indivíduos com mais de 45 anos (34%)

Se quisermos especificar e aprofundar um pouco mais a característica geral do público, vamos encontrar dois segmentos no seio dos ouvintes da RCB:

O primeiro é constituído pelos indivíduos que preferem escutar música tradicional portuguesa e musica ligeira vulgarmente conhecida por música “pimba” 68% do total dos inquiridos e destes 78% são oriundos do meio rural e 22% do meio urbano. Em termos etários a amostra apresenta a seguinte distribuição 72% têm mais de 45 anos enquanto apenas 18% apresentam uma idade inferior a 45 anos.

O segundo segmento do público da RCB é constituído por indivíduos que preferem música moderna *pop* e *rock* 32% do total dos inquiridos e destes 88% é oriundo do meio urbano enquanto apenas 12% é oriundo do meio rural. Em termos etários 75 % estão no intervalo entre os 15 e 45 anos e apenas 25% apresenta uma idade superior a 45 anos.

Esta clivagem está patente no que respeita à programação uma vez que em termos informativos assistimos a uma maior coincidência destas duas correntes existindo aqui apenas um aspecto a ter em linha de conta a divisão entre os que preferem informação generalista e os que preferem a informação de carácter mais desportivo.

No domínio dos concursos e passatempos não são assinaláveis quaisquer formas de segmentação do público da rádio uma vez que todas as diferenças se esbatem não havendo, portanto, a possibilidade de evidenciar tendências no seio dos participantes.

Deixam assim de canalizar as atenções nas músicas ou conteúdos do programa para se centrar no que o animador diz a cada uma das suas intervenções. Estamos perante, uma vez mais, um exemplo de quão importantes e intensas são as ligações da rádio com o seu público.

3.1 Do sonho à realidade

Ao fenómeno das rádios locais não fugiu a cidade do Fundão, no ano de 1986 constituía a sua própria rádio local, a actual Rádio Cova da Beira.

Tudo começa por ser um sonho, de um grupo de amigos e curiosos perfeitamente alheios às lides radiofónicas, um projecto idealizado e posto em marcha roubando horas ao sono aos seus fundadores que trabalhavam durante o dia e há noite lutavam para pôr de pé a antena e constituir a rádio.

O projecto começou do nada e quanto mais o tempo passava mais havia que fazer e o trabalho não terminava havendo sempre a necessidade de fazer mais

qualquer coisa para que estivesse tudo a postos aquando da primeira emissão experimental.

Depois de muita correria, estudos, projectos e ensaios eis que na noite a 29 de Novembro de 1986, tudo estava a postos para lançar ao éter as primeiras palavras da RCB, e assim foi sem se perder mais tempo e contudo a postos e muito nervosismo à mistura lá foi feita a primeira emissão experimental da rádio, o sonho estava realizado.

O testemunho de Isabel Salvado deixa passar de uma forma bem visível o entusiasmo que a rádio criava naquele grupo de pessoas,

“Era preciso chegar depressa, porque nessa mesma noite ia pôr-se no ar a primeira emissão experimental. Chegámos ao Fundão a tempo de apressar um beijo de boas noites aos miúdos. No éter do Loteamento Rebordão já se ouvia: “Boa noite, Fundão, escutam a Rádio Cova da Beira ”. Houve abraços, gritaria, risos pueris - e até lágrimas. Abençoada noite!”

A cidade do Fundão ganhara uma rádio, contudo este não foi o final da aventura tudo havia para fazer, desde dos programas à informação, a rádio estava no ar e havia agora que preencher com conteúdos o tempo diário de emissão.

Surgiram logo várias ideias de programas, que não tardaram a ser postas em prática, mas como nem tudo são vitórias, a vertente da informação sofreu um parto mais difícil, valeu à rádio uma equipa do Jornal do Fundão liderada por Fernando Paulouro disposta a assegurar as primeiras edições da informação da estação emissora.

A informação passou a ser o pilar fundamental na construção da RCB, daí a importância de contratar jornalistas para fazerem a cobertura jornalística da região e acentuar e difundir o nome da jovem Rádio Cova da Beira.

António Leal Salvado, um dos fundadores da RCB, confessa que a rádio começou de uma paixão de um grupo de carolas que puseram o projecto em marcha roubando horas ao seu sono nunca ao seu trabalho:

“Todas estas noites, ao fechar das portas do estúdio, daqui saíram jovens com formação para vingar no grande éter nacional, profissionais com sono em défice e horas extraordinárias no esquecimento, voluntários com tempo milagrosamente multiplicado no seio das suas famílias e no sobrezele das suas ocupações profissionais. E todas as manhãs, ao abrir da porta ao público, aqui entraram notáveis e anónimos, generosidades e necessidades, louvores e queixas, exigências e súplicas.”

À medida que o tempo ia passando a rádio foi ganhando assas e tomando confiança nas suas capacidades e efectivando a sua presença no seio da região e do mundo, uma forma de acção que aliás passou a ser o seu lema “RCB, uma rádio entre a beira e o mundo”.

Com a consciência das suas potencialidades a rádio foi alargando sucessivamente o seu período de difusão e em Setembro de 1988 já contava com 12 horas de emissão ocupadas com uma variedade de programas lúdicos e informativos de produção própria assegurados pelos mesmos curiosos que deram vida à rádio e por mais alguns que vieram atraídos pela novidade e pela curiosidade que o microfone despertava.

Nesta altura, toda a ajuda era necessária e havia que arranjar ideias de programas e fazer notícias para editar 3 noticiários onde não bastava informar sobre os temas da actualidade era necessário ir mais além e dar conta aos ouvintes de assuntos que normalmente eram tidos sem interesse jornalístico.

Assim surge a necessidade de realizar programas de grande informação onde se os temas fossem abordados de forma mais profunda, sob o lema “porque informar é um dever” o objectivo destes programas era ir mais além tanto em conteúdos como na sua abordagem iniciavam-se assim as bases do que é hoje o programa “Flagrante Directo”.

A RCB, com aliás a maioria das rádios locais, surge num momento em que o sector ainda se encontrava apenas adaptado aos moldes de radiodifusão até aí existentes e enquadramento legal deste novo tipo de emissoras não estava bem definido.

É nesta altura que acontece algo que vem colocar ainda mais dificuldades à RCB e suas congéneres na categoria de rádios não licenciadas conhecidas vulgarmente por rádios piratas.

Assim, no final de 1988 surge, a decisão do governo que obrigava a encerrar todas as estações emissoras de radiodifusão não licenciadas e a RCB não fugiu à nova regra sendo obrigada a terminar a suas emissões.

Contudo não foi este contratempo a por um ponto final na história da rádio, iniciaram-se ainda nesse mesmo ano a diligências necessárias para a obtenção do licenciamento necessário para que se pudesse dar continuidade à actividade da RCB.

Depois de muito trabalho e ofícios enviados aqui e ali passados nem seis meses do seu encerramento, a 22 de Maio de 1989, é concedido o alvará de radio difusão sonora à Rádio Cova da Beira e a 19 de Novembro, desse mesmo ano são iniciadas a emissões regulares com 16 horas de programação no período entre as 8 e as 24 horas

aumentando gradualmente o período de emissão até que, em Setembro de 1990 passou a emitir 24 horas de programação por dia.

Apostando nos conteúdos, como meio de diferenciação da restante oferta radiofónica regional, a Rádio Cova da Beira tem conseguido fidelizar os seus ouvintes tornando-se gradualmente uma referência não só a nível regional como nacional.

Podemos dividir os conteúdos, que a RCB produz, em dois grupos: os conteúdos informativos de carácter jornalístico e os conteúdos de programação, publicidade e passatempos.

No que toca ao primeiro grupo a rádio aposta na produção de conteúdos próprios, integralmente realizados pelos seus funcionários e colaboradores entre eles destacam-se reportagens, entrevistas, debates, edição de jornais e conteúdos informativos e especiais de informação, todos estes conteúdos incidem sobre temáticas nacionais, destaques internacionais e sobretudo temáticas regionais que se enquadram na área de abrangência da rádio.

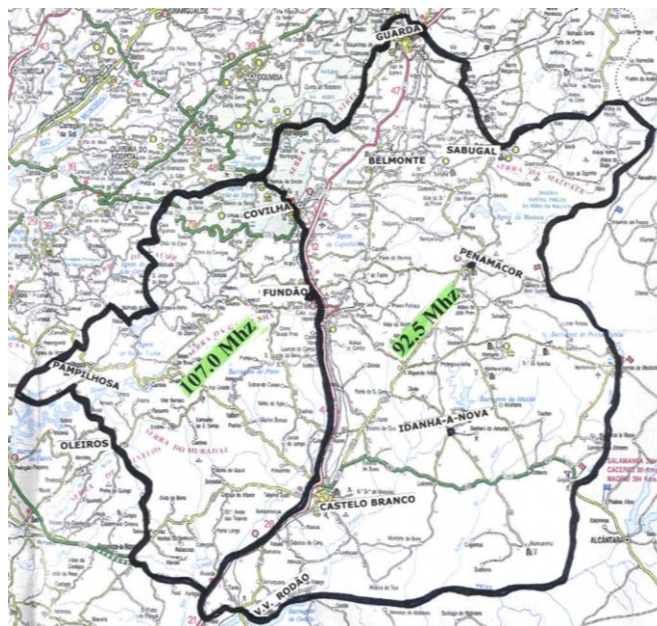


Figura n.º 1 - Área abrangência dos 2 emissores da RCB

Ao longo da década de 90 do passado século, a RCB foi cimentando o seu crescimento, prevalecendo como uma rádio feita com os ouvintes e para os ouvintes, uma rádio que sai da sua pequena sede e vai ao encontro das populações através do acompanhamento de iniciativas surgidas no seio das freguesias da sua área de abrangência ou criando programas que têm por base uma aproximação entre o mundo rural e o urbano exemplo dessa tentativa de aproximação são programas como o

“Manta de Ourelos” e “A terra e a gente”, magazines onde as freguesias são o ponto central onde as histórias, as vivências das populações e o dinamismo das suas colectividades são o tema principal e onde se destacam as temáticas inerentes à freguesia, os problemas e as possíveis soluções gerando um debate onde a troca de ideias envolve a toda a comunidade em articulação com a própria rádio.

Nesta atitude e forma de fazer rádio pode estar a razão para a ligação existente entre a RCB e o seu público ser tão especial mas disso falaremos mais à frente nesta dissertação.

Ao comemorar os seus 20 anos de actividade, decorria o ano de 2006, no meio de tantas iniciativas para comemorar a efeméride houve uma mais especial e é chegado o momento oportuno para promover mais um corte com o passado e rumar ao futuro. A rádio precisava urgentemente de crescer em espaço, e as novas instalações da RCB esperavam por acolher a estação.

No mês de Novembro com tudo a postos para a mudança foram feitas as últimas emissões da rádio a partir dos antigos estúdios da Avenida da Liberdade, local que acolheu a RCB durante 20 anos da sua história.

Chegou o tempo de mudar de instalações e ocupar a nova sede social da Cooperativa, a Casa Gascão remodelada e equipada, pronta para receber os sons, as entrevistas, os debates e as músicas da RCB.

Mudam as instalações mas a rádio essa fica a mesma, profissional e irreverente como na primeira hora, como na primeira emissão naquele sótão do loteamento Rebordão onde tudo começou e onde se ouviu pela primeira vez: *“Boa noite, Fundão, escutam a Rádio Cova da Beira ”*.

Ao longo de quase 26 anos de actividade da Rádio Cova da Beira, muitos foram os programas e as vozes que passaram pela sua antena muitas são as horas de emissão, notícias, reportagens, entrevistas, directos, passatempos, festas, especiais de informação e iniciativas que a rádio levou mais além fazendo a ponte entre pessoas com necessidades e beneméritos com recursos para ajudar.

A vertente social também não fica esquecida no universo da Rádio Cova da Beira, sendo no papel de promotora ou de apoiante de inúmeras campanhas de solidariedade, tudo isto faz parte da história do órgão de comunicação social, mas sobretudo constituem igualmente a memória da Cova da Beira as vivências de uma região concentradas, preservadas e difundidas através de um microfone e uma antena, o sonho de uma rádio para o Fundão foi largamente ultrapassado o que assistimos hoje é sobretudo pôr em prática o lema da RCB “ uma radio entre a beira e o mundo”.

Para manter vivo este órgão de comunicação unem-se os esforços de uma equipa que apesar de já ter sido maior do que na actualidade o quadro de pessoal da RCB compreende oito funcionários a tempo inteiro para além da extensa rede de colaboradores nos vários sectores.

Tabela n.º 2 - Funcionários da Rádio Cova da Beira

NOME	FUNÇÃO
Ana Gil	Produtora
Fernando Fernandes	Publicidade
Maria Manuel Fernandes	Administrativa
Miguel Malaca	Jornalista
Nuno Miguel	Jornalista
Paula Brito	Jornalista
Paula Charro	Jornalista
Paulo Pinheiro	Director de Estação

Pulsados pelo dever de informar várias foram as situações em que a Rádio Cova da Beira marcou presença. Das inúmeras peças jornalísticas produzidas pela RCB é patente uma identidade própria, uma forma de estar e ser “desinteressada”, isto é um órgão de comunicação que não existe para defender quaisquer interesses particulares, antes pelo contrário.

Uma emissora livre de amarras aos poderes instituídos, um aspecto que é proporcionado pela sua independência económica e pelo seu estatuto de cooperativa.

Por isso não é estranho que ao longo de 26 anos de actividade surjam casos aos quais foi dada cobertura jornalística e que tenha marcado a RCB.

Aos microfones da RCB falaram ministros, presidentes da república, actores, artistas, músicos e outras tantas individualidades contudo é com as vivências, problemas e preocupações dos que com ela convivem habitualmente que é feita a história da RCB é com a memória de um povo que se traçam anos e anos de intensa actividade.

Estes casos enchem as páginas sonoras dos blocos informativos da RCB e para que se tenha uma melhor visão desta dinâmica passamos a enumerar alguns episódios,

que actualmente fazem parte da memória colectiva que a própria rádio ajudou a construir e ajuda a preservar.

Governo decreta a dissolução da Câmara Municipal do Fundão (1987)

Um dos primeiros desafios da equipa de informação da RCB, e que foi tema para muitas notícias, debates, comentários e entrevistas.

Caso único até hoje em Portugal, na sequência de discussões e ânimos acalorados durante as sessões da câmara, onde as bancadas trocavam insultos e acusações existindo inclusive a necessidade da intervenção da Guarda Nacional Republicana.

Este caso terminou com a dissolução da câmara municipal e com o abandono do mandato por parte de Manuel Ramos, presidente da época, bem como o do restante executivo.

No rescaldo do acontecimento permanece a memória dos vários episódios que constituíram esta passagem da história da autarquia fundanense que a RCB foi testemunha, os olhos e os ouvidos de todo um concelho.

Rádio Cova da Beira na linha da frente (1991)

Por vezes a notícia surge quando menos se espera, e no caso que vamos relatar foi isso mesmo que aconteceu, a Rádio Cova da Beira com apenas 5 anos de existência, foi o primeiro órgão de comunicação a noticiar o início da guerra do golfo.

Parece mentira mas podemos assegurar que não se trata de um embuste, a razão é simples na época a RCB tinha uma colaboradora a viver em *Washington* e estando ao telefone com o seu colega nos estúdios da rádio transmitiu a informação que foi dada a conhecer aos ouvintes sem demora.

A RCB habituada a dar notícias transformou-se em notícia devido ao episódio do início da guerra.

Uma semana mais tarde a 24 de Janeiro de 1991 o assunto é aproveitado pelo jornal *Correio da Manhã*, na matéria do jornal nacional a notícia deixou de ser o começar da guerra para passar a ser o facto de ter sido a RCB o primeiro órgão de comunicação a noticiar o acontecimento.

Falso médico admite à RCB que só tem o 5º ano do liceu (1993)

Em muitos momentos a investigação jornalística da RCB foi solicitada por outros órgãos de comunicação social local e até nacional. É o caso da entrevista ao falso médico que exerceu a medicina durante vários anos tendo como habilitações apenas o 5º ano de escolaridade.

Nestes momentos a RCB soube aproveitar os seus recursos, e foi preciso parar e pensar o que se faria com aquela entrevista, decidir qual o rumo a tomar para explorar devidamente a matéria noticiosa.

Destaque para a notícia do Correio da Manhã de 21 de Janeiro de 1993, onde se cita como fonte da notícia a entrevista feita pela Rádio Cova da Beira. Neste como em muitos outros casos a rádio passa a ter um papel de destaque no seio dos seus congéneres locais e nacionais.

Helicóptero cai na Covilhã (1996)

“ Foi no sábado, 3 de Agosto de 1996, que a cidade ficou alarmada com um acidente aéreo que se registou na zona baixa da Covilhã. Hélder Pinto, com mais quatro companheiros da corporação de bombeiros da cidade, regressava de helicóptero da cidade de Seia, onde tinha estado a combater um violento incêndio. Porém, o engenho começou a baixar de altitude e acabaria por cair sobre a oficina da Nevauto, concessionário Opel na Covilhã, junto ao Hotel Turismo e Complexo Desportivo.

Três bombeiros perdiam a vida, outros dois escapavam com ferimentos, tal como um mecânico da empresa. Álvaro Ramos, o dono da Nevauto, na altura descrevia o acidente. *"Foi um estrondo, um rementamento. Cheguei ao pé da janela e a senhora do café disse que caiu um helicóptero" explicava.*”

Mais uma página da história da região onde a RCB marcou presença, através das suas reportagens deu a conhecer à região e ao país o que se passou, com um olhar sempre atento a rádio consegue chegar ao local certo na hora exacta e informar como aliás é o seu dever.

Bomba Rebenta em escola do Fundão (1996)

Corria o ano de 1996, quando a cidade do Fundão acorda com o susto, uma bomba explode nas instalações de uma escola provocando um morto e um ferido

grave. Mais um caso onde a equipa de redacção da RCB não perdeu tempo “acaba de chegar a informação: rebentou uma bomba nas instalações da Escola Serra da Gardunha que provocou uma vítima mortal e um ferido grave”

Quando surgem notícias destas, tudo o que estava preparado para ser emitido passa a ser secundário e há que buscar saber mais e informar melhor no mais curto espaço de tempo possível.

São momentos que marcam qualquer um e o jornalista não está à margem dessa situação e hoje em dia recorda-se com tristeza e angustia o sucedido. Para a sobrevivente foi a dura a reabilitação uma vez que o crime a deixou quase sem visão, para o criminoso uma pena de prisão, para a rádio mais uma página de trabalho e de história.

Escola da Fatela com projecto de folclore (2008)

Vários são os casos onde a Rádio Cova da Beira assistiu ao nascimento de projectos que foram surgindo um pouco por toda a região. É o caso do “Grupo de Danças e Cantares da Fatela” fundado na sequência de um projecto de investigação sobre a temática do Folclore e da história de uma aldeia do concelho do Fundão.

Um projecto que consistia cativar os alunos com necessidades educativas especiais através das danças e dos cantares tradicionais. A RCB assistiu à sua fundação e dando como destaque no programa da manhã o “Bom-dia Cova da Beira”, através de entrevistas à professora promotora do projecto e aos intervenientes, os alunos da Turma 2 e 4 que davam corpo ao projecto.

Hoje em dia o projecto em termos de escola terminou, contudo o “Grupo de Danças e Cantares da Fatela” continua bem vivo e nos arquivos da RCB estão as primeiras duas canções gravadas pelo jornalista naquela reportagem da tarde de sábado dia 19 de Abril de 2008.

Governo quer introduzir portagens na A23 (2011)

Foi mais um dos casos delicados que a RCB noticiou e neste caso houve matéria para várias notícias. Desde os avanços e recuos por parte dos últimos governos, passando pela oposição das comissões de utentes, fim das isenções e pelos novos preços das portagens este foi um dos casos que deu e continua a dar que falar. Pelo seu lado a RCB, acompanha com grande atenção esta temática com ela teve tema para notícias, reportagens, entrevistas e debate.

3.2 A evolução dos meios técnicos

A Rádio Cova da Beira existe há tempo suficiente para passar pelas várias fases de evolução dos meios técnicos relacionados com o meio radiofónico.

No início a bobine de fita a era única forma disponível para gravar e guardar som para ser emitido posteriormente.

Contudo este utensílio técnico não facilitava o trabalho dos jornalistas e animadores que faziam reportagens e programas, o que aumentava substancialmente o tempo necessários para a realização do trabalho.

O gira-disco, contemporâneo da bobine, era outro dos fiéis amigos das rádios e através destes aparelhos, hoje esquecidos, muitos foram os programas e noticiários emitidos.

Com o passar dos anos chegam as cassetes e passam a ser estas o suporte de todo o material produzido pela RCB, com esta inovação técnica passam a ser mais fácil a edição de reportagens e musicas no entanto este formato de suporte ainda tinha as suas desvantagens nomeadamente no limite de tempo de cada cassete e a sua divisão em dois lados.

Embora mais evoluídas todas estas inovações técnicas continuavam a pertencer à era analógica que comporta como sabemos várias desvantagens como a fragilidade do suporte, a pequena capacidade de armazenamento e a necessidade de um local apropriado para a preservação.

Mas grande revolução, para a rádio, chega com o aparecimento dos vários suportes associados ao formato digital do som, esta inovação técnica aliada à proliferação dos computadores e dos programas de automatização das estações emissoras facilitaram em grande parte o trabalho dos profissionais da rádio possibilitando a produção mais rápida e eficiente dos conteúdos e a possibilidade de preparar linhas de programação que podiam ser emitidas sem a intervenção de ninguém.

É neste momento que também a RCB faz um corte com o passado e deixa de lado recursos como o gira-discos e o leitor de bobines, as emissões passam a ter a possibilidade de ser gravadas e organizadas com mais rapidez e facilidade o que conferiu um salto qualitativo nas emissões da própria rádio.

Hoje em dia na era do digital a RCB está perfeitamente adaptada aos desafios dos novos tempos tanto ao nível dos meios técnicos como dos recursos humanos, já que a totalidade dos passos dados para a realização de um conteúdo seja ele informativo ou de animação é feita tendo por base os formatos de áudio digitais como é o caso do mp3.



Figura n-º 2 - Estúdio principal em 1991 e 2012

A par destes aspectos técnicos surge a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação e que fazem a Rádio Cova da Beira uma estação pioneira em diversas áreas como é o caso da presença na internet.

Desde Dezembro de 2005 que a rádio emite para todo o mundo via internet, e tem desde 2007 uma página web remodelada e adaptada às novas exigências dos consumidores, esta página não é um simples repositório de notícias da rádio em formato escrito, nela é possível aceder a reportagens em formato de áudio, informações relacionadas com a estação emissora, contactos, passatempos e recentemente uma janela de vídeos.

A presença da RCB na internet é uma das formas que a rádio encontrou de aproveitar as potencialidades das novas plataformas onde a rádio só encontra vantagens a explorar.

Na era em que a internet está no centro da vida das pessoas é nesta plataforma que a RCB aposta para dar ainda mais profundidade ao seu lema “uma rádio entre a beira e o mundo” recentemente surgiu um projecto associado à rádio intitulado “RCBmúltimédia” e tem por lema “uma rádio com imagens” consiste na colocação *online* de vídeos produzidos expressamente para a página da rádio explorando as potencialidades conferidas pelo *youtube* e que permite poupar espaço no servidor da rádio já que os vídeos são carregados no *youtube* e disponibilizados na página através da hiperligação correspondente.

Nesta linha a Rádio Cova da Beira aposta fortemente nas novas tecnologias da informação e comunicação colocando-as ao serviço da sua actividade tradicional a radiodifusão sonora.

De olhos postos no futuro, a RCB caminha de braço dado com as novas necessidades dos seus ouvintes explorando os meios que embora reduzidos no que toca ao plano financeiro são suficientes para fazer chegar aos seus ouvintes os programas e os noticiários com a qualidade e profissionalismo de sempre.

3.3 O dia-a-dia na Redacção

A redacção da RCB é composta por cinco jornalistas que diariamente preenchem com conteúdos noticiosos dois jornais principais e de vários *flashes* informativos.

Todos os conteúdos de informação da Radio Cova da Beira são produção dos seus jornalistas ou da sua extensa rede de e dos colaboradores, mais expressiva a nível da informação desportiva.

O quotidiano da redacção não difere muito de dia para dia, sendo apenas alterado caso exista um assunto que necessite de uma cobertura específica. Miguel Malaca, trabalha na RCB já lá vão uns 21 anos, e conta como se processa um dia de trabalho na Rádio Cova da Beira, *“A informação faz-se dia a dia. Desenvolvem-se contactos, conversamos com as fontes, analisamos a agenda, avançamos para o terreno, fazemos notícias um dia muito intenso embora não pareça.”*

Os noticiários são por regra realizados em directo no estúdio de emissão e é operado pelo editor que é em simultâneo o jornalista que lê as notícias, o operador que coloca no ar os sons dos entrevistados e o realizador do espaço noticioso em questão.

Os jornais da manhã e da tarde têm uma duração de cerca de 30 minutos onde para além do alinhamento noticioso ditado pela agenda mediática regional, são incluídos temas nacionais e algumas sugestões de âmbito cultural que chegam à mesa de trabalho da redacção da RCB.

Outra das particularidades da RCB são as ligações em directo que são feitas com acontecimentos que estejam a decorrer no horário dos jornais e que tenham relevância seja pelo teor do acontecimento ou dos seus intervenientes.

No que toca aos *flashes* informativos têm a duração de cerca de 10 minutos e são o espaço onde são veiculados os temas principais do dia que terão uma cobertura mais aprofundada nos jornais principais.

Ao meio dia é a hora por excelência do desporto, o Jornal de Desporto concentra a esta hora toda a informação desportiva produzida pelos jornalistas da RCB e pela sua vasta rede de colaboradores.

Este espaço segue as mesmas regras de alinhamento dos noticiários generalistas, com as mesmas necessidades técnicas, seguindo os mesmos critérios noticiabilidade defendidos pela redacção e realizado por definição em directo.

O processo de produção dos conteúdos noticiosos da RCB baseia-se na saída para reportagem ou acompanhamento de um acontecimento que pode ser difundido em directo a partir do local ou então sobre a forma de notícia ou reportagem mais alargada nos noticiários ou programas informativos da responsabilidade da redacção da rádio.

No que toca aos programas informativos sobre a alçada do corpo de jornalistas que integram a redacção da RCB existem vários formatos como por exemplo “Em Entrevista”, “Em reportagem”, “Flagrante Directo”, “Ele há casos” entre muitos outros.

Esta programação de cariz puramente informativo é o espaço onde são acompanhadas questões de fundo, temas e debates suscitados pela agenda mediática regional e nacional ou que surgem das reportagens e trabalhos realizados pela redacção da rádio ou de iniciativas relacionadas como temas da actualidade.

Para além dos programas já enunciados existem especiais de informação que a equipa da rádio realiza em directo seja em estúdio ou desde o local onde se desenrola o acontecimento destaca-se aqui os “especiais eleições” onde a emissão parte do estúdio com um painel de comentadores ao que se juntam jornalistas e colaboradores em directo das mesas de voto ou das sedes de campanha dos candidatos.

Num destes especiais eleições autárquicas chegou a ser feita uma sondagem à boca das urnas onde os eleitores eram convidados a repetir o seu sentido de voto numa urna colocada pela RCB conseguindo-se assim apurar qual seria a tendência de voto dos eleitores e criar as suas próprias projecções, mais um dos campos onde a rádio se revelou pioneira e na linha da frente no que toca a procurar formas de levar até aos seu público uma informação de qualidade.

A redacção da RCB tem sabido tirar partido das iniciativas que ocorrem um pouco por toda a região, canalizam esforços para acompanhar do local diversas actividades como é o caso do Festival Chocalhos, Vive Donas, Festa da Cereja onde através de reportagens e entrevistas levam o pulsar dos festivais e certames aos seus

ouvintes e aproveitando para recolher material para alimentar de certa forma os seus espaços noticiosos e informativos.

Estes especiais de informação servem três objectivos principais informar, preencher a grelha de programação com actividades diferentes e recolher recursos financeiros através do patrocínio destes programas.

Uma das apostas da RCB é o desporto, para isso está dotada de uma rede de colaboradores que em coordenação com a redacção da rádio levam até aos amates do desporto a emoções das competições regionais e até nacionais onde estejam presentes clubes e associações desportivas da região.

Neste campo são exemplos a Liga Orangina, a Taça de Portugal, o campeonato distrital, Liga de Honra e Nacional da primeira divisão em futsal. A informação desportiva é complementada para além do Jornal de Desporto no ar de segunda a sexta ao meio dia, com um programa intitulado “Panorama Desportivo” e especiais dedicados às competições no fim-de-semana a “Tarde Desportiva”.

Tabela n.º 3 - Colaboradores do Desporto

NOME	FUNÇÃO
Augusto Leal Martins	Relatos e Tarde Desportiva
João Perquilhas	Relatos
José Joaquim Ribeiro	Relatos e Tarde Desportiva
Luís Seguro	Relatos
Pedro Martins	Relatos
Rui Fazenda	Relatos

A componente informativa da RCB faz-se diariamente na redacção e no exterior para que à hora dos informativos tudo esteja em condições de levar as notícias a quem está ligado do outro lado do emissor.

3.4 Os programas

Desde de cedo que a Rádio Cova da Beira apostou em preencher a sua emissão com programas o mais diversos possível, muitos feitos por colaboradores que ajudavam a manter a rádio plural no que toca a conteúdos, recordam-se nomes como Antonieta Garcia, a historiadora dava o seu contributo a rádio através de um

programa relacionado com lendas locais ou o “Vária” realizado por António Leal Salvado onde a informação e as rubricas não faltavam num formato que suprimia algumas das lacunas da programação da rádio em termos de informação.

Muitos foram os programas que passaram pela antena da Rádio Cova da Beira, realizados pelas mais variadas pessoas desde funcionários, colaboradores ou outros apaixonados pelo meio radiofónico que por carolice davam uma mão no que fazia falta, mantendo a tradição dos primórdios da fundação da RCB.

Actualmente a situação é bem diferente e as grelhas de programação têm outras regras e servem outro tipo de objectivos e realização das grelhas de programação estão a cargo de João Canavilhas, director de programação da rádio, um tarefa que exige muita coordenação entre direcção, funcionários e colaboradores. Desta dinâmica surgem, anualmente, duas grelhas a de Inverno e a de Verão apesar de existirem algumas diferenças elas estas duas grelhas de programação assentam sobre o mesmo objectivo, acompanhar os ouvintes ao longo do dia como nos confirmou o director de programas:

“De uma forma muito geral podemos dizer que as grelhas são organizadas para acompanhar o dia-a-dia dos ouvintes: No início da manhã, momento em que as pessoas se deslocam para os empregos, é dada prioridade à informação. Final da manhã e tarde são preenchidas com música e passatempos para acompanhar o dia de trabalho ou as tarefas domésticas. No período nocturno são oferecidos programas musicais temáticos para responder a alguns nichos de mercado. Toda a emissão é pontuada com serviços informativos actualizados, sublinhando assim uma das vantagens da rádio. O fim-de-semana tem um ritmo próprio pois as expectativas dos ouvintes são diferentes.”

Acompanhar os ouvintes nas suas actividades do quotidiano, informá-los e formá-los são actualmente os três pilares em que assentam as grelhas de programação destes últimos 6 anos, desta forma a rádio pretende chegar cada vez mais perto dos ouvintes como explica o Director de programação:

“Neste período procurámos fortalecer os laços com a audiência, nomeadamente através da introdução de programas que abrem a antena aos ouvintes e da organização de eventos. Pensava-se igualmente trazer a rádio para a rua, emitindo em directo a partir de espaços públicos: porém as dificuldades financeiras que o país atravessa estão a limitar a actividade planeada.”

HORAS	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Sábado	Domingo	Informação	
00h00	Acorde da Madrugada					Heart Looker RS @	RCB	semana	fds
01h00						Rádio Activo @	Love to Dance	Flash	Flash
02h00						Outras Músicas @	Best Of @		
03h00									
04h00									
05h00									
06h00									
07h00	Canta Portugal							Flash	
08h00	Bom Dia Cova da Beira Ele há casos					Gentes da Beira	Terra Pura	Jornal	
09h00							A nossa Freguesia	Flash	Flash
10h00						Idade Maior			
11h00							Jornal		
11h30	Passatempo	Passatempo	Passatempo	Passatempo	Passatempo	Flagrante Directo			
12h00	Estrela da Tarde Inesquecíveis					Sucessos	Missa	J.Desporto	
13h00							A23 @		
14h00	Tardes da Rádio					Sábado à tarde	Tarde Desportiva	Jornal	
15h00									
16h00	Jornal da Tarde								
17h00								Frequência EPF	Palmeiras Convida
18h00								Jornal	Jornal
18h30	A nossa freguesia					Playlist RCB			
19h00	Escolhas								
20h00									
21h00	Panorama Desportivo	A23	MegaHertz	Outras Músicas	Tráfego Indie	Flagrante Directo @	Dissonante @		
22h00	Dissonante	Cruzeiro Do Sul							
23h00	Cordas de Aço	Rádio Activo		Heart Looker Radio Show	Best Of	RCB Love to Dance	Idade Maior @		

Figura n.º 3 - Grelha de Inverno 2012-2013

Ana Gil têm um papel fundamental no seio da estação emissora é ela que produz uma grande parte dos programas que sobem à antena da RCB diariamente, uma tarefa que lhe agrada fazer mas confessa não dispor do tempo necessário para realizar os programas como desejava

“Deveriam ser produzidos com tempo e com calma, mas numa rádio local como a RCB o trabalho é muito e o tempo não chega para tudo. Por norma a produção é feita, entre uma coisa e outra, e tem muito a ver com os conteúdos vendidos e o que é necessário introduzir nos programas. ”

Vamos então conhecer os formatos que ao longo da história da RCB fizeram companhia ao público e ocuparam um lugar de destaque no seio da “Comunidade RCB”.

“O rosto e o resto” era outro dos formatos onde a RCB foi pioneira tratava-se de um programa que levava até aos ouvintes um convidado ao longo de uma conversa distraída que começava sempre com a apresentação do entrevistado, seguida do pedido da jornalista Paula Charro para que o convidado se defina.

O “Idade Maior”, formato que pode bem ser exemplo único a nível nacional, é um programa onde a terceira idade está no centro do debate, entrevista, da reportagem, outra área onde a RCB se liga ao auditório despertando o olhar da sociedade para esta faixa etária que sofre mais intensamente o problema da solidão.

O “Manta de Ourelos” é sem dúvida outro dos marcos históricos da RCB pela primeira vez a rádio deslocava-se até aos seus ouvintes e eram eles o tema principal da emissão.

Estava cumprido outro dos pressupostos da criação da rádio, o sonho daquele grupo de carolas que no final do ano de 1986 conseguiram dar ao Fundão e à região “um microfone e uma antena”, para dar voz aos que dela não dispunham para amplificar os seus problemas, queixas, lamentos mas também as suas conquistas, alegrias e opiniões.

Tabela n.º 4 - Colaboradores da Programação

NOME	PROGRAMA
Bruno Salvado	Best of
Carlos Gaspar	Gentes da Beira
Diogo Jesus	MegaHertz
Élvio Carvalho	Cordas de Aço
Fernando Cardoso	Trafego Indie
Fernando Teófilo	Ar de Rock
João Saraiva	Outras músicas
Noel Vieira	Frequências Alternativas
Victor Silva	Cruzeiro do Sul

Actualmente ao longo do dia são vários os programas que passam pela antena da rádio, a manhã começa bem cedo para acompanhar as deslocções dos ouvintes e dando especial atenção à informação.

O “Bom dia Cova da Beira” é um programa onde a informação, música, rubricas e passatempos preenchem o espaço das manhãs da rádio estendendo-se das 8 às 13 horas. Ao longo destas 5 horas de emissão o ouvinte está no centro das atenções seja nos passatempos como nas rubricas e magazines.

São exemplos o “Ele há casos”, a “Terra e a Gente”, “Uma casa portuguesa” e o “Radiografias”, formatos onde a participação dos ouvintes e comerciantes da região está contemplada diariamente.

O “Ele há casos” é o programa em que a antena é aberta aos ouvintes e a rádio está atenta às preocupações, problemas e casos que são trazidos ao programa.

Ao longo da história da RCB várias foram as vozes que deram vida a este formato destaca-se Rui Corsino, Paulo Pinheiro, Ana Gil, Miguel Malaca e actualmente a Paula Charro, mudam-se as vozes contudo o programa mantém a sua tônica inicial e baseia a sua actividade em encaminhar os problemas a quem tem poder para os resolver e procurar soluções junto das entidades visadas nos casos.

Para que melhor se entenda a natureza dos casos que diariamente chegam ao programa passamos a transcrever dois exemplos chegados à RCB via telefone:

Chamada recebida, hoje, dia 16/03/2011 às 18h30:

“Liliana Nabais reside nos pré-fabricados, na Av. Eugénio de Andrade, junto às obras que estão ali a decorrer. Acontece que há mais de 1 mês a fossa do prédio entupiu. Foi lá o pessoal da Câmara do Fundão, mas não meteu nenhuma agulheta, e o esgoto continuou a sair para fora, dentro do prédio. Prometeram ir lá esta semana (semana de 14 a 20 de Março) 2ª ou 3ª feira, e ainda não apareceram. Esta ouvinte agradecia que os serviços municipais fossem breves pois esta situação não se suporta mais.”

Casos como o de Liliana são muito frequentes no programa “Ele há casos” e uma vez chegados à rádio são reencaminhados para as entidades com poderes ou em condições de resolver a situação ou problema apresentado, quando a se chega ao final a resposta ou a informação da resolução do caso volta a ter espaço no programa.

Por vezes as coisas não correm da melhor forma e é necessária uma grande insistência por parte da rádio e dos ouvintes que expõem os casos.

Vejamos outra situação onde o problema deixou de ser pessoal para ser colectivo trata-se de uma senhora indignada por uma rua antiga que nunca ter tido um topónimo:

Chamada recebida dia 17/03/2011, às 12h00

“Mª Do Céu Águeda reside ao pé do Mártir de S. Sebastião (a seguir à estalagem), numa vivenda há 13 anos. Esta rua nunca teve nome e já o Padre Barreiros dizia, que se tivessem que dar nome a esta Rua seria Rua Mártir de S. Sebastião. Acontece que com as novas urbanizações que fizeram por cima da estalagem ao pé do Mártir de Sebastião, abriram novas Ruas para a direita e Esquerda (essas já tem nome) a mais antiga ainda a não. Ela pergunta à Câmara Municipal do Fundão PORQUÊ?”

Seja qual for a situação evidenciada o processamento é sempre similar e a jornalista que modera o programa faz questão de referir que a rádio não tem poder para por si só resolver muitos dos casos, mas faz o necessário para levar os problemas a quem tem a capacidade para os resolver.

“A terra e a gente” é o magazine de freguesias na rádio, é um programa virado uma vez mais para os ouvintes onde as histórias, as tradições e romarias trazem à rádio o pulsar da ruralidade contrapondo-o com a vida agitada da cidade, actualmente é a jornalista Paula Brito a responsável por produzir e conduzir o programa.

“Uma casa portuguesa” é um programa que pretende destacar a cada edição uma casa comercial e levá-la até aos ouvintes dando a conhecer a sua história, os seus protagonistas e potencialidades.

Uma boa forma de dar a conhecer o seu negócio e de a rádio arrecadar mais algum dinheiro em publicidade.

O “Radiografias” é um programa onde os presidentes de junta de freguesia têm a palavra para traçar literalmente a radiografia da sua freguesia, como está, para onde caminha e qual o rumo a seguir. Todos estes programas são patrocinados tornando-se também uma vertente de a rádio arrecadar algumas receitas para financiar a sua actividade.

Seguindo a linha de programação surge outra referência da rádio o programa “Escolhas” onde uma vez mais o ouvinte tem o papel principal já que é a ele que cabe a escolha de músicas e dedicatórias que compõem duas horas de emissão. É importante salientar que neste espaço a rádio não cobra qualquer comissão nos pedidos dos ouvintes sendo estes gratuitos e podendo ser entregues por várias vias correio, telefone, correio electrónico ou presencialmente.

O “Tardes da Rádio” é o seguinte na programação, ao longo de 3 horas música, rubricas, passatempos e boa disposição preenchem a tarde da RCB é um formato virado para os mais jovens onde a música é o fio condutor de uma emissão descontraída.

Depois do noticiário das 18 horas existe um espaço dedicado a algumas instituições como é o caso da União dos Sindicatos de Castelo Branco e do Arciprestado do Fundão, que apresentam os programas “União dos Sindicatos: a força de quem trabalha” e “Luz no caminho”, a existência destes formatos é mais uma forma de rentabilizar e captar recursos financeiros uma vez que se tratam de programas patrocinados e são ao mesmo tempo uma forma de ir ao encontro de outros nichos de mercado.

A partir das 19 horas de segunda a quinta podemos encontrar na antena da RCB o “Espaço Escolas” onde semanalmente 4 escolas, Escola Profissional do Fundão, Escola Secundária do Fundão, Escola Quinta das Palmeiras na Covilhã e Escola Frei Heitor Pinto, têm a possibilidade de produzir e apresentar os seus programas na rádio.

Às 20 horas é tempo de “Portugal, 70 e tal” um programa onde Paula Brito leva os ouvintes para uma viagem pela música portuguesa das décadas de 70 e 80 do século XX.

Das 21 horas em diante a antena é aberta aos colaboradores que diariamente apresentam os seus formatos e conferem uma diversidade de estilos e conteúdos às noites da rádio.

Neste campo destacam-se programas como “Cruzeiro do Sul” um dos programas mais antigos da RCB dinamizado por Victor Silva e onde a música africana é rainha, “Frequências Alternativas” onde músicas, rubricas e reportagens são apresentadas por Noel Vieira de uma forma alternativa um programa onde não falta animação.

“Ar de Rock” que marca o regresso de Fernando Teófilo à RCB, leva o ouvinte a conhecer, descobrir ou relembrar uma banda de rock a cada emissão.

Para além dos programas até agora referidos existem casos particulares onde se denota uma maior ligação ao seu público, como o que se segue:

O Gentes da Beira apresentado por Carlos Gaspar é certamente aquele onde se denota uma maior ligação ao seu público. Depois de estudar três edições do programa podemos dizer podemos confirmar esta afirmação descrevendo de forma breve a orgânica do programa.

Neste caso a receita de sucesso é simples: música popular portuguesa a 100% e entrevistas às gentes da beira, isto é pessoas das aldeias circundantes à rádio e que possuem alguma particularidade ou história para contar a tudo isto é somado a antena aberta em permanências às contribuições dos ouvintes.

Participações essas que vão desde a simples sugestão de iniciativa passando pelo declamar de uma poema, uma cantiga em directo ou até indicações das sementeiras e colheitas.



Figura n.º 4 - Carlos Gaspar, apresentador do “Gentes da Beira”

É claro que este programa é virado apenas para um dos segmentos do público que habitualmente acompanha as emissões da rádio, contudo não deixa de ser um objecto de estudo interessante e uma fonte adicional de informação para a pesquisa em curso.

O programa “Gentes da Beira” constitui um espaço onde se pode incluir um pouco de tudo desde que seja em português e respeite a temática do programa e o estilo próprio do apresentador.

Este é um programa em que o formato não é novo recuperando muitas das características de programas anteriores apresentados pelo mesmo animador.

Uma das razões para o sucesso do “Gentes da Beira” pode muito bem ser a longevidade do formato que é proposto aos ouvintes uma “receita” que apesar de algumas novidades mantém intacta a sua linha geral, aproveitando o público conquistado ao longo de quase duas décadas de existência.

É também esta uma das características evidenciadas pela Rádio Cova da Beira em ter uma grelha de programação diversificada e que vá ao encontro do público de forma a fidelizá-lo e com isto aumentar a abrangência do órgão de comunicação.

3.5 Os passatempos

Para além dos programas e noticiários existe outro pilar onde assenta o sucesso da RCB e que atrai muitos dos seus ouvintes, esse pilar são os passatempos, seja qual for o formato raras são as vezes em que não se esgota o tempo dedicado ao passatempo e mesmo assim telefones continuam a tocar.

Em muitos casos existem ouvintes que ligam não para participar em directo com os animadores, mas sim para conversar, declamar um poema, para ouvir e trocar palavras com outros ouvintes.

São incontornáveis as manhãs de domingo passadas com a Ana Gil ao comando da emissão, num passatempo onde o prémio era um almoço num conhecido restaurante da região.

Seja qual for o passatempo é certo que vai ter quem participe, por isso não é de estranhar a quantidade de passatempos que são feitos em antena diariamente. “Palpite da Sorte”, “Veia de poeta”, “O que é que é?”, são exemplos dos passatempos que actualmente se fazem e para os quais a participação dos ouvintes é fundamental.

Recorde-se o passatempo “À Descoberta do Comércio tradicional da Zona Antiga do Fundão”, uma nova forma de interacção entre a rádio os ouvintes e os comerciantes da cidade, num jogo onde com as pistas são deixadas pelo animador das “Tardes da Rádio”, e com essas pistas os ouvintes tinham de descobrir a loja e encontrar um objecto mistério e levá-lo aos estúdios da radio até às 18 horas para poderem reclamar o prémio correspondente.

Ana Gil é a responsável pelos passatempos que sobem à antena da RCB, é ela que os concebe e na maioria dos casos é ela que os dinamiza em directo com os ouvintes, existem várias possibilidades quando o assunto é o motivo da criação destes concursos:

“Conforme a necessidade. Ou porque há uma mudança de grelha de programação e há que alterar ou criar novos programas. Ou porque há um comerciante/marca que deseja patrocinar um passatempo novo que não existia na rádio. Por exemplo o passatempo “Veia de Poeta” foi criado de propósito e à da firma “O enxoval” que na altura queria um produto para comemorar os seus 25 anos de existência.”

Como podemos imaginar estas são algumas das formas possíveis para ocupar o tempo dos ouvintes e de ao mesmo tempo a rádio arrecadar mais algum dinheiro com as receitas do patrocínio dos passatempos.

A animadora salienta ainda que o comportamento dos ouvintes segue, regra geral, o seguinte padrão:

“Os ouvintes começam por participar nos passatempos ou pelos prémios ou porque acham graça e chega ao ponto de se tornar um vício e terem de ligar todos os dias para todos os passatempos. Certos ouvintes, se puderem,

participam para todos os concursos que a rádio realiza ao longo do dia por vezes só para falarem um pouco com o apresentador.”

Estes jogos e outros passatempos estreitam ainda mais os laços que prendem o público à rádio e as vozes da rádio ao seu público, trazendo animação e outra dinâmica aos programas da estação emissora mas também algum risco, uma vez que estes passatempos são feitos em directo e nunca se sabe o que vai surgir do outro lado da linha cabendo ao animador fazer a gestão de tudo o que se passa durante aquele espaço de antena aberta.

Recordamos uma situação, no Verão de 2011, onde uma ouvinte durante o passatempo do euromilhões o “Palpite da Sorte” ligou para dizer que estava prestes a cometer o suicídio e que fossem chamadas as autoridades, uma situação que teve de ser gerida de forma a conseguir-se retirar essa ideia da cabeça da ouvinte em questão.

São situações destas que transformam um momento de descontração e animação em momentos de tensão e difíceis de gerir dado a sua gravidade.

Mas regra geral não são estes casos que aparecem em antena, são antes pelo contrário situações caricatas, expressões utilizadas, cantigas ou poemas declamados em directo que ajudam a valorizar e a desenvolver tanto os profissionais como os próprios ouvintes.

Outro ponto interessante neste fenómeno que presenciamos ao longo da observação na rádio é a forma como as diferenças existentes num público tão heterogéneo como o da RCB são esbatidas no momento da participação nestes concursos já que são acessíveis a todos os tipos de públicos e de pessoas.

Esta situação leva a que uma vez mais as ligações entre o público e a sua estação emissora se amplifiquem e se fortaleçam.

De forma a obter alguns dados estatístico sobre a participação nos passatempos da RCB decidimos analisar um mês de participações de um dos passatempos efectuados em antena, decidimos assim fazer recair a análise sobre o “O que é que é” um jogo onde existe uma palavra mistério que os ouvintes devem descobrir usando as pistas deixadas em antena pela animadora e pelos restantes ouvintes.

Pretendemos com este estudo mais do que conhecer números absolutos saber como é feita a distribuição das participações separadas por género e se existem repetições do mesmo ouvinte.

A recolha dos dados foi feita, tendo por base o acompanhamento do passatempo em directo apontando o nome do participante sabendo que é possível participar mais de uma vez por dia e por semana.

Após o tratamento dos dados recolhidos e devidamente tratados obtivemos a seguinte distribuição:



Figura n.º 5 - Gráfico de participação por género

Nas 4 semanas de análise do passatempo foram registadas 148 participações, 131 (89%) foram feitas por mulheres e apenas em 17 (11%) casos foi registada a participação de homens.

Se repararmos nos totais da distribuição por semana de estudo constatamos que a participação neste passatempo é bastante homogénea, não se registando portando grande assimetria na distribuição da amostra excepto em termos de género.

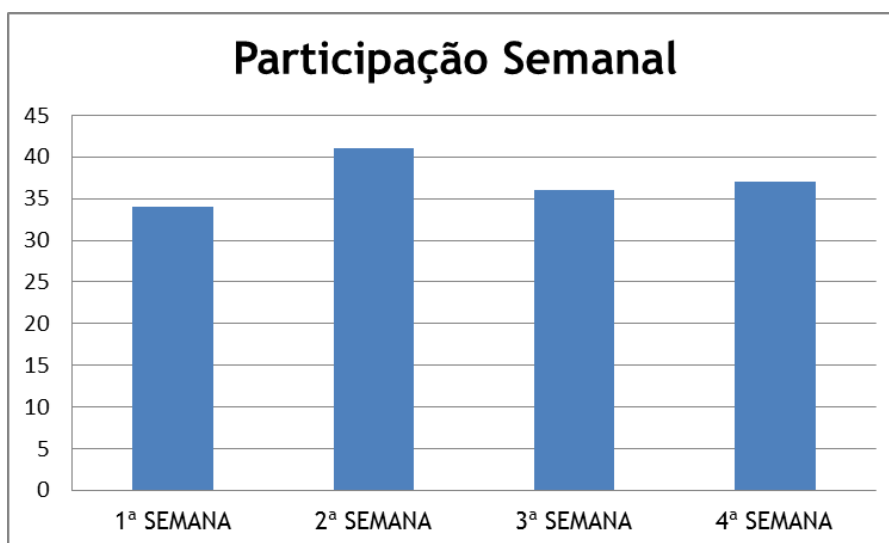


Figura n.º 6 - Gráfico de participação semanal

Da observação realizada podemos ainda adiantar que existe um grupo de ouvintes que participam regularmente no passatempo e em certos casos até mais de uma vez por dia, o que pode também ser utilizado para comprovar a existência de fortes ligações da rádio com o seu público e vice-versa.

Neste campo podemos ainda acrescentar que no caso dos ouvintes participantes durante o mês em causa a razão de participarem foi na sua maioria 83% apenas para entrar no ar, falar com o animador e passar de uma forma diferente aquela parte do dia.

3.6 A publicidade

Não podemos deixar de dedicar um capítulo ao motor das rádios locais, e a RCB não foge à regra, a publicidade é a fonte principal de recursos para financiar a sua actividade e segundo João Canavilhas, director de programação da rádio, a captação de recursos publicitários representa quase 90% do total das receitas que a rádio arrecada mensalmente.

É por isso importante em tempos de crise conseguir contrariar a tendente diminuição do número de anunciantes e de *spots* que diariamente a RCB emite.

Torna-se assim necessário encontrar novas formas de cativar anunciantes novos e sobretudo “segurar” os actuais anunciantes. Embora a situação económica não seja a mais favorável a rádio tem sabido encontrar estratégias para contrariar este quadro negro.

Os pacotes de publicidade são uma das soluções como confirma Fernando Fernandes, responsável pelo sector da publicidade na RCB:

“Nos últimos anos para além de se baixar os preços, tem-se criado pacotes de publicidade que englobam vários meses, a preços muito atractivos, para fidelizar os comerciantes por períodos mais alargados”.

Mesmo assim a situação não é regular ao longo do ano existindo picos de publicidade ao longo do ano aliás como vem acontecendo ao longo da história da RCB como nos confirma Fernando Fernandes:

“Houve altos e baixos. No princípio foi difícil porque os comerciantes não estavam habituados a fazer publicidade na rádio. Depois houve uma época muito boa que correspondeu aos últimos anos do século passado e primeiros anos deste século. Por fim nos últimos 2 ou 3 anos e devido à crise a publicidade baixou

muito. Quando há crise, o primeiro corte que os comerciantes fazem é na publicidade. É uma ideia errada porque a publicidade faz aumentar as vendas. Mas é difícil convencer os anunciantes.”

Para contrariar esta realidade a rádio procurou encontrar formas de atrair e convencer os comerciantes da região a investir em publicidade como forma de trazer novos clientes aos seus comércios.

Contudo este tipo de campanhas são igualmente cíclicas não abrangendo o ano inteiro, por isso foi necessário reduzir os preços dos *spots*, e criar uma espécie de “promoções” e pacotes publicitários assim:

“É na época do natal que existem mais publicidades. Há 20 anos a rádio criou uma campanha de natal que teve a adesão de muitos comerciantes e juntas de freguesia. A época da páscoa e os meses de verão são também épocas boas de publicidade.”

Se ao longo do ano a publicidade obedece às campanhas cíclicas é nos meses de Dezembro/Janeiro, Abril, Julho, Agosto e início de Setembro que se pode observar um maior volume publicitário, e as razões para este comportamento são as já referidas épocas de natal e páscoa e o período das festas religiosas e festas de verão.

Tirando estas alturas as publicidades que são emitidas são provenientes de um pequeno grupo de anunciantes que regra geral mantém a publicidade anualmente e de vez em quando alguns novos anunciantes que desejam dar a conhecer o seu novo produto ou divulgar a abertura do seu negócio, uma realidade cada vez mais rara.

Uma das particularidades da RCB em termos de publicidade é a forma de contacto com os anunciantes que é mantido pessoalmente cabendo a Fernando Fernandes essa importante tarefa e que contribui para um estreitamento das relações existentes:

“Essa relação tem que ser a melhor possível. Não podemos esquecer que são os comerciantes que mantêm a rádio. No meu caso prefiro contactar pessoalmente os clientes. O contacto pessoal serve para ver e analisar as reacções dos comerciantes às propostas que lhe são apresentadas. E isso é muito importante.”

Uma vez captado o anunciante o trabalho da RCB não está terminado há que realizar o *spot* publicitário e para isso existem passos a seguir:

“Quando um cliente aceita fazer publicidade eu tento combinar com ele os tópicos que ele quer ver publicitados. Depois, na rádio, é elaborado o texto final

e as publicidades são gravadas na rádio. Em alguns casos o cliente envia-nos a publicidade já gravada por firmas especializadas. Mas estes casos são mais raros.”

Volta aqui a estar patente a auto-suficiência da RCB que se estende à produção de *spots* publicitários, uma aposta feita quase desde o início da sua actividade.

Esta situação reforça a autonomia da rádio, que não necessita de recorrer a entidades externas para realizar este tipo de produção de conteúdos, e nesta linha contribui para a optimização dos recursos humanos e materiais.

A tendência de redução das receitas publicitárias cria novos desafios às rádios locais e a RCB não foge ao cenário turbulento que se desenha no horizonte destas estações emissoras.

Sobre esta temática podemos apontar algumas saídas possíveis que passam desde a rentabilização dos recursos disponíveis, a produção de conteúdos tendo em vista a sua venda são exemplos *spots* publicitários e programas patrocinados ou conteúdos informativos fazendo com que o peso da publicidade dita tradicional seja cada vez menor.

Encontrar novas formas de publicidade, como é o caso da recente aposta em publicidade na página da RCB na internet, uma forma de cativar novos anunciantes oferecendo para além do serviço de publicidade radiofónica, um serviço de publicidade *online* numa página que mensalmente é visualizada por mais de 30 mil utilizadores únicos.

Uma boa forma de obter receitas que são essências para a sobrevivência da RCB e a manutenção dos seus 8 postos de trabalho.

3.7 RCB: uma porta aberta

A Rádio Cova da Beira tem assumido uma vocação para desempenhar o papel de rádio escola abrindo as portas a todos os que querem aprender a fazer rádio, seja na vertente de informação ou de animação e produção de programas.

Muitos são aqueles que deram os primeiros passos no meio pela mão da Rádio Cova da Beira, para este fenómeno contribui sem dúvida a aproximação que a rádio tem com o seu público, apelando ao contributo dos seus ouvintes nas mais diversas situações.

Ao longo destes 26 anos de vida muitos foram os colaboradores, trabalhadores, jornalistas e animadores que passaram pela RCB, uma casa onde aprenderam a trabalhar e descobriram o gosto pelo meio radiofónico.

Exemplos desta vocação são os casos de Nunes Farias, Daniela Santiago, Mário Antunes, Fernando Teófilo, José Alexandre Barata entre tantos outros.

Nunes Farias, hoje jornalista da RTP, passou pela RCB entre os anos de 1992 e 1999 onde exerceu funções como jornalista, da sua passagem pela rádio guarda inúmeras recordações, mas a mais marcante foi sem dúvida a deslocação a Itália com o Coro Misto da Covilhã onde foram recebidos pelo Papa João Paulo II.

Também Daniela Santiago começou a sua ligação ao jornalismo na rádio que o Fundão criou, tinha apenas 16 quando entrou pela primeira vez nas antigas instalações da rádio na Avenida da Liberdade no Fundão.

Ganhou gosto pelo meio, passou noites a editar o noticiário das 23h e a realizar um programa que ia para o ar aos sábados entre 11 e as 13h intitulado “página som”.

Foram várias as tarefas que desempenhou na RCB, estação onde continuou a colaborar até entrar para a faculdade no curso de comunicação, hoje em dia Daniela Santiago é jornalista da RTP.

Outro dos casos em que a RCB funcionou como porta de entrada para o mundo do jornalismo é o de Mário Antunes, na altura com 16 anos foi acolhido no seio dos profissionais que davam corpo à rádio, e a história mais curiosa que testemunhou na rádio foi quando estava ao telefone com um amigo em Washington esta a primeira guerra do Golfo, de imediato entra em directo para dar a notícia fazendo da RCB o primeiro órgão de comunicação nacional a dar conta do acontecimento. Caso pelo relatado jornal “Correio da Manhã” num recorte de uma notícia da época.

Mais recentemente muitos alunos de Ciências da Comunicação e Jornalismo da Universidade da Beira Interior têm na RCB uma porta aberta para aperfeiçoarem aquilo que lhes é ensinado na faculdade. Mais uma prova que mesmo em tempo de crise a rádio continua a manter a sua vocação de rádio escola, um órgão de comunicação social com uma vertente de aprofundamento prático das técnicas radiofónicas.

Não podemos finalizar este capítulo sem referenciar a minha passagem pela RCB, local onde depois da faculdade iniciei a minha actividade como colaborador desempenhando as funções de repórter e animador.

Ao chegar à RCB somos postos em contacto com a realidade profissional, lembro-me concretamente que pensando eu ir conhecer as instalações fui desde logo posto

ao serviço realizando em termos técnicos as “Tardes de Verão” com apresentação de Ana Gil passando depois uma semana na produção das madrugadas da RCB.

Para muitos este primeiro contacto pode ser um pouco repentino, mas traduz bem o espírito da RCB enquanto local de descoberta ou de prática do meio radiofónico.

Neste caso é-nos proporcionada uma forma de aprender fazendo e não a olhar como os outros fazem, numa descoberta constante onde as palavras tentativa e o erro estão sempre presentes.

Na segunda semana de colaboração a música foi outra e passei a ter a meu cargo 3 horas de programação diária em directo com um passatempo com os ouvintes e mais uma vez em estúdio estava eu, a mesa de mistura e o computador, assim em caso de problema só uma saída resolver o mais rápido possível e seguir com a emissão como se nada fosse.

Graças à RCB e a tudo o que por lá fiz, hoje em dia não há nada a que diga que não desde animação, programação informação e até publicidade, através desta experiência ganha-se para além domínio de todos aspectos da técnica ganha-se sobretudo uma segurança e confiança no que realizamos.

Já se perderam o conto às horas de emissão em directo que realizei desde que aceitei o desafio de colaborar com a emissora, já lá vão 3 anos de ligação a um órgão de comunicação que me habituei a acompanhar desde tenra idade.

Estas são experiências bastante enriquecedoras não só a nível de competências relacionadas com o meio, mas também a nível humano com a interacção com pessoas das mais variadas proveniências.

Para fechar este capítulo deixo uma frase que se ouvi várias vezes da boca de José Joaquim Ribeiro, antigo director de estação na RCB, *“só não comete erros quem não faz, é a fazer que se aprende e não a ver fazer”*, uma frase que traduz na perfeição o espírito da Rádio Cova da Beira nesta vertente de rádio escola com a porta aberta a todos os que querem tornar o sonho de fazer rádio numa realidade.

Capítulo 4

Quando a RCB se cruza com a vida dos ouvintes

Da observação feita ao longo deste ano a estudar a Rádio Cova da Beira, podemos afirmar que no que toca à relação existente entre a rádio e o seu público existe uma dependência bastante enraizada dada a dinâmica produzida pelas notícias, programas e passatempos propostos ao público pela rádio e pelos seus profissionais.

Para esta dinâmica contribuem, sem dúvida, as iniciativas que a rádio leva a cabo junto da comunidade, as festas de convívio onde funcionários, colaboradores e ouvintes participam de forma activa tanto na organização como na dinamização dos eventos têm um efeito de fortalecimento dos laços criados ao longo do tempo.

Das iniciativas organizadas pela rádio ao longo deste ano salientamos o aniversário, a comemoração do dia do ouvinte e o magusto, actividades promovidas com o objectivo de conhecer e dar a conhecer, colocar um rosto nas vozes que diariamente se cruza através da antena da RCB.

Mais do que conhecer-se mutuamente criam-se amizades, tecem-se laços que perduram no tempo e no espaço relações que por vezes atingem dimensões inesperadas e existem casos em que a rádio assume um papel principal na vida dos seus ouvintes ao ponto de considerarem a rádio e os seus profissionais como “gente” da família, um prolongamento do núcleo familiar que aqui assume uma expressão alargada.

Fernanda Mota, vive na freguesia de Atalaia do Campo é pastora e vive ligada à rádio como se de uma máquina de suporte básico de vida se tratasse. É através da rádio que exprime as suas alegrias, tristezas e preocupações, com o som dos chocalhos das ovelhas do seu rebanho como pano de fundo raros são os dias em que não liga para a rádio, seja para participar, conversar ou desabafar com alguém os problemas que a ensombram.

Tem a rádio como uma terapia, e considera-a como o “melhor remédio”. Admite que não passa sem a rádio desde que se levanta ainda mal raiou o dia já a RCB toca pela suas “bandas”.

Acorda ao som da sua fiel amiga e adormece igualmente ao som da RCB, embora as músicas à noite não sejam as suas preferidas não pode consentir que o rádio se cale.

“Fernanda Mota, vive na freguesia de Atalaia do Campo, no concelho do Fundão é casada, e mora com o marido, um homem que não lhe dá o devido valor.” É assim que ela se descreve. Têm um problema de visão que lhe dificulta a vida diariamente, mesmo assim não baixa os braços e considera-se uma “lutadora” amargurada com a perda de um filho falecido em França, passou durante muito tempo por tratamentos para a depressão no departamento de saúde mental no Hospital da Covilhã, confessa que desde que descobriu a RCB os “seus amigos e amigas” como gosta de os apelidar, deixou de lado a medicação e passou a ser a rádio o seu melhor remédio. Passa os dias no campo com a rádio e o telefone sempre à mão, acompanhada pelas suas ovelhas percorre as pastagens e não perde a oportunidade de participar nos concursos da rádio ou de pedir um disco para os amigos da rádio, para os filhos e para os netos.

Confessa que gosta de todos os programas mas principalmente aqueles onde pode participar e os que têm música portuguesa e não falta a uma iniciativa da rádio embora tenha cada vez mais dificuldades em se deslocar.

O facto de estar longe dos seus netos é o motivo pelo qual por vezes entra em directo com pensamentos mais negativos, já lhe passou pela cabeça cometer uma loucura, mas encontra a cada momento de fragilidade um apoio e uma voz amiga na Rádio Cova da Beira.

Admite que muitas vezes apenas participa para falar um pouco com a Ana Gil, para “desabafar” as suas angústias e contar os seus problemas, não gosta muito dos fins-de-semana porque nesses dias não pode participar nem ligar para a rádio, sente falta da companhia dos animadores.

Considera-se uma fanática da rádio e gosta da dependência que tem com a RCB, não consente que digam mal da sua rádio ou de quem lá trabalha.

Fernanda uma força da natureza que encontra na relação com a Rádio Cova da Beira uma forma de tentar minimizar a solidão e a depressão que assola a sua vida, confessa que se a RCB terminasse não sabe o que seria da sua vida uma vez que já não consegue viver se a companhia da emissora.

Faz questão de fazer tudo para ajudar a rádio e foi uma das poucas pessoas que aceitou vender as rifas dos 25 anos da RCB, diz que se todos ajudarem a rádio pode continuar ser a companhia de muita gente que como ela não têm mais ninguém com quem contar.

Gil Cruz é outro dos apaixonados pela rádio, telefonista na escola Profissional do Fundão e mentor do “Dia do Ouvinte”, passa os dias com a Rádio Cova da Beira sempre à mão e não perde nada do que aquela antena emite.

Assíduo participante do “palpite da sorte”, vive como paixão cada momento que passa na companhia da sua amiga RCB. Tem como lema “a RCB, dá saúde a você” e conhece a programação como a palma da sua mão, vive tão intensamente a paixão que nutre pela rádio que não suporta ouvir falar mal dela, defendendo-a com unhas e dentes.

Gil é outro dos ouvintes para quem a rádio é tudo e sem a qual a sua vida “perderia boa parte da sua cor”, acompanha a rádio e faz propostas de iniciativas para dinamizar a ligação entre ouvintes e a rádio é presença fixa em todas as actividades promovidas pela rádio, que ocupa um papel de destaque na sua vida.

“A minha vida tem sido repleta de desafios, tudo começou desde a minha juventude quando tive de enfrentar os contratempos da vida e aprender o braile para conseguir superar a minha deficiência visual e em dia levo uma vida normal e desempenho as funções de porteiro na escola profissional.

Mas o meu percurso profissional não se resume a esta profissão que desempenho, nasci no sabugueiro numa família tradicionalmente ligada à pastorícia na serra da estrela, aliás esta foi uma profissão que desempenhei durante algum tempo da minha vida, fui ajudante de camionista e trabalhei na câmara municipal.

Quando vim viver para o Fundão, comecei a acompanhar com frequência as emissões da RCB e nunca mais deixei de seguir o pulsar da estação e colaborar naquilo que posso, ao ponto de sugerir iniciativas e de já fazer parte da lista de cooperantes da rádio.

Para mim a Rádio Cova da Beira é uma companhia, quando chego de manhã ao serviço à Escola Profissional do Fundão ligo logo o rádio para ouvir as notícias para ouvir as músicas no fundo para estar sempre informado.

Tenho de ter sempre a rádio ligada, sempre a ouvir o rádio porque a rádio cova da beira é uma rádio com grande abrangência, é uma rádio que a nível distrital e regional dá toda a notícia e esta sempre em cima dos acontecimentos, dá-nos os títulos dos jornais e os *flashes* informativos com tudo o que interessa, como se pode ver temos tudo ali na RCB.

Eu já não sou capaz de passar sem a Rádio Cova da Beira, e isto é mesmo verdade sem demagogia, e todos os profissionais sabem disso porque eu não sou do fundão, sou do sabugueiro mas há 16 que me habituei a ouvir a rádio.

Comecei a ouvir a rádio porque tem bons programas começa logo de manhã com o “Bom dia Cova da Beira” com as várias rubricas que sempre nos ensinam mais alguma coisa, “Pela sua saúde” “A biblioteca da rádio”, os títulos do jornais, as ocorrências e informação de transito, a meteorologia.

Como eu disse é uma rádio com muita abrangência temos tudo na rádio e como eu digo a RCB dá saúde a você.

Mais recentemente sugeri à radio a criação do “Dia do Ouvinte” uma iniciativa de cariz lúdico onde o objectivo é conhecer e dar-se a conhecer e promover e estreitar os laços que se criam em antena.

Posso dizer sofro da paixão pela rádio e estou disposto a fazer tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar a RCB no que faça falta.

Espero que no futuro a rádio não perca esta importante ligação ao seu público, e que se continue a manter as actuais iniciativas e que se possível sejam sugeridas outras.”

Conceição Custódia, vivia sozinha na freguesia de Cantar Galo na cidade da Covilhã. Nunca casou e tratou dos pais até que faleceram. Ainda não colocou um pé fora da cama, que já ecoa, pelas paredes solitárias da sua casa, o cantar Portugal apresentado por Ana Gil entre as 6 e as 8 da manhã.

Participa com acentuada regularidade e não há um dia em que o nome dela não seja referido na antena, excepto quando está “zangada com a rádio”, sim porque a Conceição é muito caprichosa e por vezes fica amuada, mas não resiste muito tempo sem a sua companhia amiga, e sente falta de ouvir as vozes da rádio, palavra da própria.

Apesar de vencer vários concursos, Conceição não levanta os prémios que ganha. A sua paixão pela rádio levou-a no verão de 2011 à TVI, ao programa “A tarde é sua” onde contou a sua história e os laços que a prendem à Rádio Cova da Beira.

Actualmente está no lar de São José da Covilhã e nem por isso deixa de participar e acompanhar o dia-a-dia da rádio.

E uma situação caricata é o facto de ter colocado todos os utentes do lar a escutar a rádio. Muitos outros ouvintes seguem o exemplo destas histórias, tendo a RCB por fiel companhia de todas as horas.

Conceição Custodia nunca casou, e se não fosse a rádio não teria outra companhia para evitar a solidão. Conceição tem 75 anos e está reformada há 20.

“A minha rádio favorita é a Rádio Cova da Beira, sinto amizade por eles e sinto a falta da voz deles. Quando eles faltam eu procuro logo por eles.

Quando não ouço a rádio sinto-me mais sozinha, sinto um vazio, porque a minha companhia é a Rádio Cova da Beira desde o dia 1 de Janeiro até ao dia 31 de Dezembro.

Para mim é difícil viver sem a rádio e já noto muito a falta da rádio.

Quando há programas onde eu posso entrar em Directo às vezes sou logo a primeira.

Nasci numa família grande com oito irmãos, fui criada em São Domingos na Covilhã, o meu pai morreu quando eu tinha 12 anos e fomos obrigados, eu e os meus irmãos a trabalhar desde muito cedo. Tive de sair da escola e ir trabalhar para uma fábrica de lanifícios tinha 15 anos, e desempenhava a tarefa de fazer fio. Tive de trabalhar para ajudar em casa e ajudar a criar os meus irmãos. Tive muita pena de deixar a escola, gostava muito de lá andar mas só consegui estudar até à terceira classe.

Mas quando o meu pai faleceu tivemos de deixar a escola e trabalhar, numa fábrica estive 3 anos, noutra estive 12 e na última em que trabalhei estive lá mais 18 anos.

Na minha juventude não tinha rádio, naquele tempo tínhamos poucas posses e não havia dinheiro para comprar um rádio só mais tarde é que consegui comprá-lo. Não havia muita gente na Covilhã com um rádio então só nos juntávamos todas para ouvir as novelas na rádio. Porque antigamente davam as novelas na rádio e era aí que ouvíamos todos juntos, fazíamos isso muita vez e era tão bom quando a novela começa às 8 horas da noite.

Só se podia ouvir a novela porque não havia televisão e a primeira vez que comprei um rádio para mim tinha 30 anos, e hoje ainda trabalha mas já só apanha a antena 1 cansou-se...

A partir daí passei a ouvir com mais frequência, e a minha mãe e os meus irmãos também gostavam de ouvir fazia-lhes companhia.

Tive muitos rapazes mas não tinha ideia de me casar, pronto...A minha mãe faleceu com 91 e eu fiquei sempre com ela e tratei sempre dela.

Reformei-me com 50 anos, porque a fábrica fechou, mas continuei sempre a trabalhar porque a reforma era pequena e tinha de trabalhar na casa das senhoras como empregada doméstica.

Eu e a minha mãe ouvíamos a rádio juntas, muitas vezes e há 8 anos descobri a Rádio Cova da Beira. Até aí ouvia outras rádios mas a ligação mais próxima só acontece agora com a RCB.

Porque desde que descobri a Rádio Cova da Beira dediquei-me muito a ela e tenho muita dificuldade de passar sem aquelas vozes.

Eu sentia que eles eram muito bons para mim, gostava deles e como estava muito tempo sozinha, passei a adoptá-los como se fossem da minha família.

A primeira pessoa para quem eu falei foi para a “Paulinha Charro”, para lhe contar um problema de saúde que eu tinha.

Ainda hoje desabafo com ela, muita coisa.

Sou uma ouvinte fiel, e se estou dois dias sem os ouvir já tenho saudades, e sinto um vazio e quando não os ouço sinto vazio na minha vida.

São umas pessoas que eu gosto muito delas e me têm mimado muito.

Desculpe chegarem-me a lágrimas aos olhos... mas é normal

Acordo sempre muito cedo, porque estava habituada a acordar muito cedo, às 6 da manhã ou às vezes às 5 da manhã e vou buscar o rádio para cima da cama e fico na lá a ouvir até as 7 horas.

Ouçó programas de música e conversa, mas só gosto de música portuguesa, não gosto de música estrangeira. Gosto de fados e de música ligeira e até gosto muito destes cantores novos. Gil do Carmo, André Sardet mas gosto de música antiga também.

Ligo todos os dias para a rádio para cumprimentar os locutores e falo sempre com a Paulinha e quando algum vai de férias eu pergunto logo por eles e fico a contar os dias para eles regressarem embora me custe compreendo que eles vão de férias porque também precisam de férias e às vezes também estão cansados.

Mas o que é certo, é que já não posso passar sem a Rádio Cova da Beira, e a rádio ocupa um papel principal na minha vida posso até dizer que sou dependente da Rádio Cova da Beira.”

Conceição é um dos exemplos de como a rádio tem um papel de destaque na vida de pessoas que para além dela, rara é a companhia que têm. O caso desta ouvinte demonstra com alguma clareza a particularidade de que se reveste este fenómeno RCB-Público e Público-RCB.

Rosa Antunes, natural da Freguesia de Valverde no concelho do Fundão tem 54 anos e vive com o marido e com o filho, passa os dias com a companhia da RCB enquanto trabalha na máquina de costura, actividade que desempenha desde muito

jovem. Tinha cerca de 12 anos quando foi para um alfaiate como aprendiz, e nunca mais deixou de trabalhar com as linhas e tecidos especializando-se na confecção de roupa para homem. Participa com regular assiduidade nos passatempos e concursos da rádio e já perdeu a conta aos prémios que ganhou na rádio e não falta a nenhuma iniciativa que a RCB desenvolva e faz partes dos ouvintes que aceitaram fazer parte da cooperativa de radiodifusão possuindo em seu nome alguns títulos de propriedade.

“Quando era jovem os meus pais tinha em casa e velho rádio a pilhas, que funcionava apenas quando havia dinheiro para comprar as pilhas o que não acontecia frequentemente e obrigava o rádio a estar calado mais vezes do que a tocar. Mas mesmo assim eu gostava de ouvir e era muito curiosa em saber como aquilo funcionava, gostava de ouvir as músicas e os programas que eram propostos aos ouvintes.

Descobri a Rádio Cova da Beira já há muitos anos, quase desde o seu início mas cá em casa o primeiro a acompanhar a rádio foi o meu marido e eu fui atrás.

Gosto de ouvir os animadores, gosto da programação no fundo gosto de tudo porque a RCB é uma rádio que está ao lado dos seus ouvintes e funciona como um apoio, um meio de descontração uma forma de diminuir e esquecer os momentos menos bons da vida e uma boa forma de passar o tempo.

A relação que mantenho com a rádio é muito boa e sinto grande amizade pelos locutores e pelos outros ouvintes que conheci através da RCB, estou tão habituada a seguir a emissão e a participar nos concursos que se a rádio acabasse ficaria muito triste e era capaz de ajudar no que pudesse.

Eu gosto muito de participar, mas ao princípio sentia vergonha e limitava-me a ouvir simplesmente o que era emitido, mas desde que participei pela primeira vez nunca mais parei e já não sei quantos prémios ganhei até hoje, a única coisa que posso garantir é que não são poucos.

Gostava que fizessem ainda mais passatempos no futuro, porque é isso que me dá gosto e é a razão principal de acompanhar a emissão todos os dias.

Gosto também de participar nas festas da rádio e acho muito importante o convívio que elas permitem e são eventos onde aproveito para conhecer os funcionários e os outros ouvintes que a princípio não conhecia e hoje, graças às festas, já conheço quase todos.

A rádio é uma boa companhia, e aconselho a quem não participa que o faça porque é uma experiência muito positiva quem ainda não experimentou devia experimentar porque é uma boa forma de passar o tempo.”

Como todas as investigações têm os seus contratempos, esta também passou por uma situação mais complicada.

Rui Pereira é natural de Aldeia de Joanes e é um ouvinte muito particular, perde-se o conto às dezenas de cassetes que tem em casa com a gravação da emissão da RCB. Não lhe falta nenhuma das suas emissões favoritas.

Sabe de cor os nomes de todos os programas que passaram pela rádio e das pessoas que lhe fizeram companhia ao longo destes anos. Acredita que a RCB é um local onde os jovens devem ter a sua palavra a dizer e que devem apoiar este projecto de comunicação.

Tem o sonho de fazer rádio mas até hoje não o conseguiu realizar. Acompanha RCB desde que se levanta até que se deita e não passa sem fazer uma visita às instalações da sua amiga a Rádio Cova da Beira.

Do contacto que mantivemos com Rui, durante a entrevista, ficaram bem patente as suas fortes convicções religiosas e a sua obsessão pela Rádio Cova da Beira, uma ligação tão profunda que é capaz de remeter para segundo plano a sua própria história de vida.

Mas do pouco que deixou escapar na entrevista sabemos que Rui trabalha na Câmara Municipal do Fundão e mesmo no seu serviço a RCB esta sempre presente.

Ao longo dos muitos anos que acompanha a RCB, habituou-se a ouvir com muita atenção tudo o que é emitido pela rádio, e confessa que não pode passar um dia sem ligar o seu rádio que está sempre fixo em 92.5 a frequência da RCB.

Ao longo de todos estes anos não faltou a uma única iniciativa dinamizada pela rádio e recordou-nos a festa dos 25 anos da RCB onde teve a oportunidade de conhecer outros ouvintes da rádio.

Para ele a RCB é diferente de todas as outras estações porque considera que neste caso existe uma verdadeira ligação entre os dois lados do emissor. Para Rui a RCB é muito mais do que um órgão de comunicação é acima de tudo uma companhia para quem está solitário, uma janela para a região e para o mundo para quem não pode sair de casa.

Se a RCB terminasse seria uma grande perda não só para a região mas sobretudo para as pessoas que há 26 anos se habituaram a ter uma voz amiga e um local onde recorrer em caso de necessidade.

Rui considera-se dependente da rádio como se de uma terapia se tratasse, ao som da RCB acalma a sua ansiedade, encontra forma de se distrair e sobretudo de aprender mais qualquer coisa, palavra do próprio.

Neste caso voltamos a presenciar um exemplo de uma pessoa que deposita na rádio todas as suas expectativas e acompanha o seu pulsar como se de um familiar se tratasse.

É mais uma história onde a rádio se cruza com a vida do ouvinte, embora tentássemos que Rui nos falasse da sua vida, esta parece ser secundária nas suas palavras, chegando ao ponto de nos afirmar que a RCB é única coisa que dá sentido à sua vida. Depois de muita insistência da nossa parte conseguimos saber que Rui não vive sozinho vive com os seus pais, mas pouco mais foi possível saber, uma vez que nas suas palavras o que importa é a rádio e a forma como ela mudou a sua vida.

O que podemos depreender desta entrevista é que para alguns dos ouvintes a relação que nutrem com RCB é a única forma de conseguirem escapar às partidas que a vida lhes vai pregando.

Este é um desses casos onde fora da RCB mais nada importa cada vez que tentámos aprofundar a história de Rui Pereira o assunto foi deixado para segundo plano para este ouvinte o que importa é falar da RCB, o que importa é o papel principal que a rádio desempenha na sua vida, fora disso “a rádio é que conta, mais nada importa”

A próxima história que vamos contar, neste trabalho é a de dois ouvintes Carmita Casteleiro e o seu marido José Gonçalves. Vivem na cidade da Covilhã e a rádio foi um meio pelo qual José Gonçalves, doente há vários anos, num estado de violenta apatia sem responder a qualquer estímulo exterior e sem vontade de arranjar formas de tentar combater a sua doença.

Quando descobriram a Rádio Cova da Beira, nunca pensavam que a relação que ambos nutrem pela estação ia tornar-se no remédio para atenuar os efeitos da doença do marido.

Aquele homem que passava o dia calado e a olhar para o vazio é hoje uma pessoa muito diferente, actualmente liga frequentemente para a RCB para pedir alguns dias e confessa que esse é o seu programa preferido.

Outra das curiosidades deste caso é o facto de ambos participarem nas festas e iniciativas da rádio algo impensável antes da mudança drástica de atitude por parte de José Gonçalves proporcionada pelo contacto com aquela que já, por eles, considerada a sua rádio.

Carmita contou-nos um episódio que a deixou muito apreensiva, recuemos pois até ao ano de 2010 nas vésperas da comemoração do primeiro “Dia do Ouvinte” deixa de conseguir sintonizar a sua RCB. Viu-se “à rasca”, desorientada e sem saber o que fazer sem a companhia do costume.

Ligou de imediato para a RCB e só ficou descansada quanto finalmente voltou a conseguir ouvir a frequência no seu receptor.

Actualmente vivem literalmente colados à RCB dia e noite e o rádio é muito raro estar desligado ou noutra frequência que não a da sua rádio de eleição.

Mais um caso onde a rádio desempenha um papel fundamental na vida do seu público, aqui foi através da rádio e da paixão que José Gonçalves sente pela sua estação emissora que o levou melhorar substancialmente o seu estado de saúde.

Rostos e vozes que encontram na RCB uma forma saudável de passar o tempo e de ocupar os tempos vazios nas suas vidas.

Duas histórias onde a rádio entra toma um papel de destaque na vida destes ouvintes, e é curioso como nos contam que já não podem passar sem ouvir a Rádio Cova da Beira, um fenómeno bastante curioso que parece vir a ganhar uma maior intensidade como o passar do tempo.

E por fim Madalena Lopes, uma ouvinte de 72 anos que participava diariamente nos passatempos da RCB e até mais de uma vez por dia. A rádio era a sua companhia fosse em casa fosse na loja, era uma das “meninas da rádio”.

Ganhou ao total mais de 50 prémios, nas muitas participações que efectuou, mas não gostava que se soubesse, não gostava de se gabar. Numa das conversas que mantivemos com Madalena Lopes era bem visível pelo brilho no seu olhar o gosto pela RCB e a amizade que mantinha com funcionários, colaboradores e ouvintes.

A 23 de Abril de 2012 a RCB vê partir uma amiga, uma ouvinte e uma defensora do órgão de comunicação, tínhamos a entrevista combinada para o mês de Maio de 2012 mas a vida quis de outra forma e já não nos foi possível aprofundar a história de vida desta ouvinte.

Mesmo assim quisemos incluir a sua passagem pela rádio e de uma forma tão intensa levou a muitas gargalhadas, muitas alegrias e muitas pistas deixadas por Madalena.

As histórias de Madalena Lopes e da RCB ficam certamente ligadas, e é impossível dissociar uma da outra porque a rádio é mesmo assim um conjunto de histórias que se cruzam ajudando a construir a visão que o público tem da sua região e sobretudo uma janela aberta para o mundo para todos aqueles que de alguma forma não encontram outro meio de viajar, sentir companhia, desabafar ou simplesmente dizer “estou aqui não se esqueçam”.

O sentimento comum a todas estas histórias é a vontade de dar tudo por tudo para que a RCB continue a desempenhar o seu papel por muitos e muitos anos.

À semelhança das histórias de vida aqui relatadas poderíamos encontrar muitas outras porque o que não faltam são vidas em que a RCB se foi irrompendo até se tornar presença assídua nos lares, nos postos de trabalho e nos espaços de lazer.

Sete histórias, sete rostos, sete vozes que demonstram o impacto que a RCB provoca no seu público.

Sete perspectivas de como a RCB entra na vida do seu público e não se vai embora sem deixar uma marca forte e uma relação estreita, e em muitos casos quase umbilical.

É neste quadro de profunda interdependência que se movimentam a RCB e o seu público, que em muitos casos deixa de se poder dissociar uma coisa da outra apontando cada vez mais para a constituição de algo diferente que apelidamos de “Comunidade RCB” isto é um grupo constituído por cooperantes, directores, funcionários, colaboradores, ouvintes, amigos e anunciantes.

Tendo em conta as relações entre estes grupos de elementos da comunidade, evidenciadas ao longo deste estudo, acreditamos que esta dinâmica criada em torno da RCB pode ser a forma de conseguir superar a crise que o sector das rádios locais enfrenta, podemos estar perante a melhor forma de sobreviver no actual quadro socioeconómico uma vez que os membros desta comunidade agem colectivamente com apenas um objectivo, criar condições para a manutenção da RCB com todas as características que actualmente se lhe conhecem.

Passados 26 anos, o público está cada vez mais próximo da sua rádio e as suas ligações são cada vez mais sólidas e duradouras, ultrapassando as fronteiras da região do país e a RCB conseguiu afirmar-se e desenvolver-se graças ao fortalecimento destas relações.

A aposta no futuro continua a ser a mesma tornar cada vez mais a RCB numa rádio que escuta o seu público e se organiza em função das suas expectativas dando voz a quem de outra forma não poderia ser ouvido.

Capítulo 5

RCB, um olhar sobre o futuro

Passados 26 anos depois da sua fundação, o que começou por ser um sonho é hoje um projecto de comunicação social, com características particulares. Para além de todos os pontos que foram sendo abordados ao longo desta dissertação.

Podemos traçar um caminho a ser seguido pela rádio no futuro para que continue a manter a linha defendida ao longo do um quarto de século de existência, sem nunca esquecer as novas formas de chegar até ao ouvinte.

Muitas podem ser as tentações de aglomeração por parte dos grandes grupos de comunicação, contudo a verificar-se uma tal ocorrência seria o fim da RCB tal qual a conhecemos.

Passamos agora a tentar estabelecer um modelo que possa assegurar a continuação da rádio com as características que lhe vêm sendo reconhecidas ao longo de todos os anos de intensa actividade.

Sabendo que actualmente o maior problema que assola este tipo de órgãos são os recursos financeiros, e sabendo de igual forma que o estatuto de cooperativa de rádio difusão não permite aos cooperantes o pagamento de quotas nem de qualquer outra subvenção para além da aquisição dos títulos de propriedade.

A saída pode estar em rentabilizar os recursos disponíveis, sejam eles materiais, físicos, humanos ou até ao nível do conhecimento, já que a publicidade parece ser uma fonte cada vez mais escassa de obtenção de receitas.

Existindo alternativas de financiamento aliadas à produção de serviços a Rádio Cova da Beira pode criar valor, conseguindo manter a sua rota e evitando cair por terra ou passar apenas a ser um retransmissor de uma rádio nacional à semelhança de dezenas de outras rádios locais que deixaram de servir as populações pelas quais e para as quais foram criadas.

Mais uma vez a história da rádio e a dos ouvintes se cruzam estando em cima da mesa a criação de uma associação de ouvintes e amigos da RCB, onde as quotas pagas pelos sócios revertem inteiramente para a rádio.

Esta é mais uma forma de obter recursos financeiros para continuar a levar a toda uma região a informação, os passatempos e os programas que já se tornaram uma referência para o público e para muitos outros órgãos de comunicação social regional.

Para que isto se continue a verificar a RCB tem que modificar a forma de obtenção de receitas para financiar as suas actividades e explorar as diversas opções que estão hoje à sua disposição, sabendo que a produção de conteúdos não só para a sua rádio como para outras pode ser uma forma de conseguir rentabilizar os recursos existentes.

Vivemos tempos em que se torna necessário encontrar um modelo que possibilite a sustentabilidade destes meios de comunicação regional, que deixam de ter nas receitas da publicidade a fonte de recursos económicos necessários para a sua expansão e manutenção.

É por isso necessário, em nossa opinião, encontrar alternativas viáveis e capazes de serem postas em prática para colmatar a brecha que constitui a redução significativa das receitas publicitárias e da diminuição constante do número de anunciantes.

No caso da rádio em estudo, visto tratar-se de uma cooperativa, a solução pode passar por atrair capital através da venda de títulos de propriedade alargando assim a rede de cooperantes, contudo esta medida não será suficiente uma vez que após a compra dos títulos o cooperante implica a necessidade de pagar mais nada para além do valor correspondente ao número de acções que subscreveu.

Como serão as rádios locais no futuro, será que conseguirão sobreviver a esta crise económica, que desafios terão de abraçar, que obstáculos vão enfrentar, são muitas as perguntas com as quais somos confrontados ao pensar na temática das rádios locais.

Acreditamos que embora com muitas dificuldades, algumas destas rádios vão conseguir atravessar esta crise, e para isto o único caminho é a procura de fontes alternativas de financiamento uma vez que o mercado publicitário a nível local parece estar cada vez mais esgotado.

A Rádio Cova da Beira está actualmente a iniciar a busca dessas fontes alternativas de financiamento nomeadamente com a rentabilização da sua sede alugando o seu auditório para a realização de conferências, debates e acções de formação.

A estratégia passa também por otimizar a sua presença na internet, nesta linha ainda há bem pouco tempo a rádio reformulou a sua página para conseguir chegar à região, ao país e ao mundo e atraindo simultaneamente novos anunciantes seja para publicidade radiofónica como publicidade via página da internet.

Só assim é possível continuar a actividade que tem vindo a ser desenvolvida ao longo dos anos pela Rádio Cova da Beira.

Ana Gil, animadora e produtora na RCB, acredita que:

“O futuro das rádios locais não é nada promissor. As rádios “vivem” exclusivamente das receitas da publicidade e numa altura de crise é a primeira coisa a cortar por parte dos anunciantes alguns, infelizmente, aproveitam a palavra “crise” como desculpa para não investirem nas rádios locais. No caso da RCB, o futuro tal como o das suas congéneres é incerto mas com muito trabalho, espírito de sacrifício, novas ideias, novos projectos e claro com a ajuda dos ouvintes e dos amigos da RCB, esta poderá ser uma das poucas rádios locais do país a sobreviver à crise.”

Perspectiva não muito diferente tem Fernando Fernandes, o responsável pela publicidade da rádio, que se mostra algo apreensivo com a actual situação:

“É um futuro bastante difícil. Devido à crise, os comerciantes tentam cortar nas despesas e para muitos a publicidade é uma despesa evitável. Por isso para manter a RCB vai ser preciso muito engenho e arte. A RCB é muito acarinhada pelas pessoas da região e não só. E isso é uma grande valia. Por isso compete aos trabalhadores da RCB manter viva e dinâmica essa mais-valia. E a RCB, já com 26 anos de idade, tem tido a sorte de contar nas suas fileiras com dedicados trabalhadores e colaboradores. Só assim e com a ajuda de todos, a RCB vai continuar a ser uma voz válida na região.”

No que toca aos desafios para o futuro das rádios locais e da RCB, passam um certamente em primeiro lugar lutar pela sua sobrevivência, recorde-se o caso da Rádio Jornal do Fundão, que foi recentemente encerrada por falta de recursos financeiros.

É este o cenário que se deve evitar a qualquer custo sob pena de se deixar perder um órgão de comunicação que já se tornou uma referência e sem o qual a região já não consegue passar.

Para João Canavilhas, o principal desafio que a RCB enfrenta passa sobretudo por se manter viva e em actividade:

“Neste momento o desafio é sobreviver. As dificuldades que o país atravessa sentem-se com grande intensidade no Interior do país, o que se reflecte na saúde das empresas e, conseqüentemente, no fluxo de publicidade. As receitas publicitárias têm caído de forma abrupta, e apesar das alternativas encontradas gerarem alguns proveitos financeiros, a publicidade tradicional continua a representar quase 90% das receitas. Por isso não se pensa noutra coisa que não seja resistir até a crise passar”.

É neste cenário de incertezas, dificuldades e muito esforço que se trilham os caminhos das rádios locais em geral e o da RCB em particular.

Mais de um quarto de século depois da sua fundação este é mais um difícil teste a superar para que o sonho dos primeiros tempos não caia por terra vencido pelas vicissitudes e dificuldades de a longa e profunda crise que atravessamos e de todos os obstáculos que são colocados no seu caminho.

Miguel Malaca, jornalista da RCB encara com receio o futuro, e o que mais o preocupa é o aumento do desemprego:

“Apesar da actual crise que vivemos e o facto de estarmos muito dependentes da publicidade, acredito que vamos conseguir sobreviver e ultrapassar as dificuldades que atravessamos neste momento. Ao longo destes anos a rádio tem sabido dar a volta por cima e superar todos os contratempos. Só o tempo pode dizer o que vai acontecer e da nossa parte vamos continuar a levar mais longe a nossa região a levar mais longe a nossa informação com isenção, rigor, espírito crítico, liberdade e profissionalismo.”

Acreditamos que apesar de todos os contratempos a RCB vai conseguir manter-se em actividade e da observação que efectuamos ao longo de mais de um ano, é impossível que uma estrutura como a Rádio Cova da Beira, desapareça abruptamente.

E a saída desta turbulência pode estar, por incrível que pareça, na forte ligação existente entre a rádio e o seu público, a força dos laços que unem os dois lados do emissor levou, há bem pouco tempo, à constituição de um “clube de amigos da RCB” uma espécie de associação onde por 1 euro por mês o ouvinte torna-se amigo da rádio e os fundo são encaminhados para a emissora ajudando de certa forma ao financiamento da sua actividade.

Conclusões

Depois de mais de um ano a observar a Rádio Cova da Beira e os comportamentos do seu público podemos traçar o seguinte quadro de conclusões:

Existe uma ligação muito forte entre os ouvintes a RCB, e essa ligação é confirmada diariamente pelas inúmeras participações que chegam à antena da emissora. Raros são os dias em que desde a abertura das portas até ao encerrar não passam por lá pessoas para conhecer as instalações, cumprimentar funcionários, levantar prémios ou simplesmente para dizer bom dia.

Esta ligação cimenta-se todos os dias e vai-se estendendo devido à particularidade de a rádio possuir uma grelha de programação e de conteúdos direccionados para o seu público e onde na maioria das vezes a sua participação é fundamental.

Esta forma de estar e de ser, leva a que cada vez mais a RCB seja encarada como um órgão de comunicação fundamental para a vasta região onde se insere gerando uma enorme rede onde se congregam esforços para a sua subsistência.

No actual momento de crise económica em que vivemos, sobreviver passou a ser o modo de vida deste tipo de entidades, cenário dramático ao qual a RCB não escapa.

Outra conclusão que se pode retirar deste estudo é naturalmente a urgência que existe em alterar a forma como estas instituições se financiam uma vez que contar apenas com as receitas da publicidade é meio caminho andado para o encerramento e para o fim das emissões.

Embora a RCB ainda não se encontre num estado tão débil a nível financeiro é necessário que se encontre novos modelos de financiamento para que se continue a manter a linha de programação e informação actualmente desenvolvida.

Outro dos aspectos realçados ao longo deste trabalho é a vertente de rádio escola em que a RCB proporciona uma oportunidade a quem demonstra gosto pelo meio da radiodifusão.

É por isso, na nossa perspectiva, fundamental que acentue esta dinâmica uma vez que esta é uma forma de fortalecer e a aumentar a relação existente com o seu auditório e de aumentar as audiências atraindo públicos que até agora estão arredados da rádio e ajudar a terminar, de uma vez por todas, com os estereótipos e tipificações associados ainda hoje às rádios locais.

Esta situação deve-se sobretudo ao desconhecimento, por parte desses públicos mais renitentes, dos conteúdos e das grelhas de programação, propostos pela emissora em questão.

No caso da RCB existe um aspecto muito interessante que desenvolve e aprofunda as ligações ao seu público, é a única emissora que propõe iniciativas que aproximam a rádio dos seus públicos e o movimento inverso, fala-se aqui do conjunto de festas e iniciativas onde os ouvintes e as vozes da rádio se encontram, e que desempenham uma papel cada vez mais importante no estabelecimento e fortalecimento de laços entre os dois lados do emissor.

Eventos como o “Dia do Ouvinte”, o “Aniversário da rádio” e o “Magusto RCB”, um sem número de actividades que proporcionam um estreitamento das relações de interdependência que o presente estudo revela.

Estas iniciativas são realizadas com dois motivos promover a convivência entre a “Comunidade RCB” levando a rádio ao encontro do seu público e obter receitas financeiras visto existir um leque de pequenas actividades com essa finalidade, podemos mencionar como exemplos a realização de uma quermesse, a venda de CD’s com as fotos de festas anteriores ou a venda de produtos onde se se explora o logotipo da rádio.

Outra das facetas evidenciadas no estudo da rádio é o facto deste órgão de comunicação constituir um autêntico repositório da memória de toda uma região, em arquivo na sede da RCB está guardada uma espécie de extensão da memória colectiva de um vasto território.

Lá estão congregadas em milhares de bobines, cassetes, CD’s e mais recentemente um arquivo digital em computador, lá podemos encontra 26 anos de uma região bastante rica em actividades.

Através do arquivo da Rádio Cova da Beira é possível traçar um retrato de uma comunidade, as suas iniciativas, preocupações e ao mesmo tempo preservada a memória de gentes, artes, ofícios e tradições, muitas delas perdidas ao longo dos anos.

Nesta linha de pensamento pensamos ser interessante referir este papel de preservação que constitui uma vertente não menos importante da longa actividade da RCB.

Outra das conclusões relacionadas com os aspectos da memória e da construção da identidade é certamente a importância da RCB na construção dessa mesma memória que preserva, muitos dos acontecimentos passaram a constar na memória e ser comuns à região através do olhar atento da RCB e no fundo o que ficou gravado

para a posteridade não foi o conjunto das memórias individuais dos agentes nos acontecimentos, mas sim o que foi transmitido ao público pela intervenção e reportagem da RCB.

Assim consideramos que a rádio desenvolveu um importante contributo não só na construção do que é hoje a memória desta região e no fundo a construção de uma identidade colectiva que não seria a mesma caso a rádio não tivesse sido criada.

Ao analisar um organismo desta natureza existem sempre algumas dificuldades em condensar os mais de 25 anos de história que a estação emissora possui, podemos cair no erro de tornar este estudo numa mera composição descritiva mas penso que ao introduzir as histórias de vida de alguns elementos do seu público conseguimos congrega o melhor de dois mundos e aliar a historiografia da RCB com a forma como esta é recebida por aqueles que a seguem habitualmente e que no fundo fazem parte integrante dela.

Não podemos esquecer que o fundamento para a criação deste tipo de rádios foi a necessidade gritante das suas populações em possuir um espaço público onde os seus anseios, dúvidas e problemas pudessem ter um lugar e onde se proporcionasse o debate e a consequente procura de soluções.

Acreditamos que enquanto a RCB mantiver esta linha de conduta, será muito difícil deixar de existir já que as forças de todos os elementos da “Comunidade RCB” vão envergar todos os esforços para manter viva a sua voz na região da Beira Interior.

Como conclusão final desta dissertação podemos dizer que é cada vez mais difícil, senão impossível, dissociar a rádio do seu público uma vez que as relações que os unem são cada vez mais de interdependência e em certos casos, como os que observamos, existe uma relação quase de dependência total para com a rádio chegando certos ouvintes a encarar a rádio como um suporte básico de vida, levando ao extremo a paixão que nutrem pela RCB,

Uma comunidade que está disposta a fazer tudo por tudo para que a estação emissora continue a ser uma parte muito importante nas suas vidas.

Não podemos esquecer que da mesma forma que a rádio contribui para a vida do seu público, também o seu público contribui para a vida da rádio seja com a sugestão de temas para serem abordados em antena, a participação em programas como é o caso dos discos pedidos e mais recentemente de formatos como o “Estrela da Tarde” um programa feito pelos ouvintes e funciona como uma espécie de *playlist* privada feita à medida dos gostos musicais de cada um dos ouvintes em destaque ou o “Inesquecíveis” um programa dedicado ao fado e onde uma vez mais é o ouvinte a sugerir temas para entrarem no programa.

Esta é uma característica que vem a ser explorada pela rádio com maior frequência uma forma de implicar o público na sua rádio e de criar uma emissão que vai ao encontro dos gostos e expectativas dos seus ouvintes.

Referências Bibliográfica

ABASTADO, Claude. Raconte: Raconte ... les récits de vie comme objet sémiotique. In: Revue des Sciences Humaines. Lille. Université de Lille III, 1983, n. 191.

BARBEIRO, Heródoto. Radiojornalismo cidadão. In. BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana (org.). Rádio: sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas, 2004.

BONIXE, Luís. As rádios locais em Portugal: Informação e função social -Uma análise dos noticiários das rádios do distrito de Setúbal. Tese (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2003.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

COLAS, P.. «Métodos y técnicas cualitativas de Investigación en Psicopedagogía», en BUENDOA, L.; COLAS, P. y HERNÁNDEZ, F.: Métodos de Investigación en Psicopedagogía. Madrid, McGraw Hill, 1998

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. Radiojornalismo. São Paulo: Summus, 1998.

DIAS, Reinaldo. Introdução à Sociologia. 2ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, p. 337, 2001.

FERRAROTTI, F. Les biographies comme instrument analytique et interprétatif. Cahiers Internationaux de Sociologie. Numéro Spécial. Histoires de vie et vie sociale (Paris), v. 69, p. 223-245, 1980.

FLICHY, Patrice «La explosión del monólogo. Las radios paralelas en la Europa Occidental», in Bassets, L. (ed.), De las Ondas Rojas a las Radios Livres, Barcelona: GustavoGili, pp. 180-188, 1982.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. Ciência & Educação, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327 -345, 2005.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

MESQUITA, Mário. Os Meios de Comunicação Social, In REIS, António (Coord.), 20 anos de democracia em Portugal, Lisboa, Circulo dos Leitores, p. 360-405, 1994.

POLLACK, Michael. “Memória e identidade social”. In: Estudos Históricos, 5 (10). Cpdoc/FGV. Rio de Janeiro, 1992.

POLLACK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Estudos Históricos, 2 (3). Cpdoc/FGV: Rio de Janeiro, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura de. Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva. 2. ed., São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983. Col. Textos, 4.

SOUSA, Eliseu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. Revista Educação em Questão, Natal, v.25, n. 11, p. 22 - 39, jan./abr., 2006.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Legislação Consultada

Lei da Rádio

Lei n.º 54/2010, de 24 de Dezembro

Leis da Rádio (Revogadas)

Lei n.º 8/87, de 11 de Março

Nota: esta Lei foi revogada pela Lei n.º 87/88, de 30 de Julho

Lei n.º 87/88, de 30 de Julho

Alterada e republicada em anexo à Lei n.º 2/97, de 18 de Janeiro

Nota: ambos os diplomas foram revogados pela Lei n.º 4/2001, de 23 de Fevereiro

Lei n.º 4/2001, de 23 de Fevereiro alterada pelos seguintes diplomas

Lei n.º 33/2003, de 22 de Agosto

Lei n.º 7/2006, de 3 de Março

Nota: a Lei n.º 4/2001, de 23 de Fevereiro foi revogada Lei n.º 54/2010, de 24 de Dezembro

Todos os documentos legislativos foram consultados no endereço

“GMCS - GABINETE PARA OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL”

disponível em:

<http://www.gmcs.pt/index.php?op=cont&cid=79&sid=354&lang=pt>

Anexos

Neste espaço apresentamos uma série de documentos relativos à RCB - Rádio Cova da Beira que complementam o que é descrito nos capítulos anteriores assim como todas as entrevistas e questionários realizados durante a fase de pesquisa deste estudo.

Anexo n.º 1 - Licença de Radiodifusão ERC



Licença para o Exercício da Actividade de Radiodifusão

Nos termos dos artigos 3º e 17º da Lei n.º 4/2001, de 23 de Fevereiro, a ERC - Entidade Reguladora para a Comunicação Social, ao abrigo da alínea e) do n.º 3 do artigo 24º dos Estatutos aprovados pela Lei n.º 53/2005, de 8 de Novembro, renova a licença para o exercício da actividade de radiodifusão sonora a:

Operador | RCB - Rádio Cova da Beira, CRL

Sede | Av. da Liberdade, 59 - 2º, 6230-398 Fundão

Local do Estabelecimento | Av. da Liberdade, 59 - 2º, 6230-398 Fundão

Denominação | RCB - Rádio Cova da Beira Tipologia do Serviço de Programas | Generalista

Área de Cobertura | Fundão Canal de Programa | RCB Frequência | 92,50 Potência | 500

Validade | 22 / 05 / 2009 a 21 / 05 / 2019 Registo | 423018


Lisboa, 19 de Agosto de 2009

O Presidente da Entidade Reguladora para a Comunicação Social

(Prof. Doutor José Alberto Azere do Lopes)

Anexo n.º 2 - Diploma de Utilidade Pública

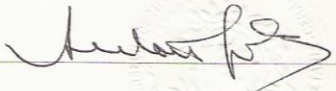
ANEXO N.º 2


REPÚBLICA PORTUGUESA
PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

O presente diploma é conferido a RCB-RÁDIO COVA DA BEIRA, CRL, com sede no
Fundão. por ter sido reconhecido(a)
como pessoa colectiva de utilidade pública, nos termos do Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de No-
vembro, conforme consta do despacho publicado no «Diário da República», II série, n.º 244,
de 21 de Outubro de 1997

Lisboa, 24 de Outubro de 1997

O Primeiro-Ministro,


(António Manuel de Oliveira Guterres)

Modelo n.º 61 (Exclusivo da Imprensa Nacional-Casa da Moeda)

61-57-1982 (A4-210 mm x 297 mm)

Anexo n.º 3 - Alvará



PRESIDENCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
DIRECÇÃO-GERAL DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

ALVARÁ PARA O EXERCÍCIO DA ACTIVIDADE DE RADIODIFUSÃO

Nos termos do n.º 3 do artigo 1.º da Lei n.º 87/88, de 30 de Julho,
e do n.º 2 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 338/88, de 28 de Setembro,
é autorizada a R.C.B. - RÁDIO COVA DA BEIRA, C.R.L., com sede
emFundão....., a exercer a actividade de radiodifusão
sonora em ondas métricas (frequência modulada), para cobertura de
.....Concelho do Fundão....., na faixa de 92.500 MHz.

A potência máxima de radiação é de27.0 dBW.

O período de funcionamento mínimo é de16..... horas.

A difusão de materiais publicitários não pode exceder3,2..... horas.

A língua utilizada nas emissões será aPortuguesa......

Lisboa, 22 deMaio..... de 1989.

PO DIRECTOR-GERAL,

Conforme despacho conjunto do Secretário de Estado dos Transportes Exteriores e das Comunicações
e Secretário de Estado Adjunto do Ministro Adjunto e da Juventude, publicado no Suplemento ao D. R.
n.º 255, II Série, de 4/11/1988.

Anexo n.º4 - Licença ANACOM



Licença n.º 204157

Cliente n.º 98264

A instalação de estações de radiocomunicações em prédios rústicos ou urbanos carece do consentimento dos respectivos proprietários, nos termos da lei, não dispensando quaisquer outros actos de licenciamento ou autorização previstos na lei, designadamente os da competência dos órgãos autárquicos.

A instalação de estações de radiocomunicações de características fixas poderá estar sujeita a restrições decorrentes de servidões radioeléctricas existentes.

Nos locais de instalação de estações de radiocomunicações, designadamente das suas antenas, é obrigatória a afixação de sinalização informativa que alerte sobre os riscos da referida instalação.

Nos locais de instalação deve ser aposta, no seu exterior e em local bem visível, uma placa da qual conste a identificação do utilizador e os meios de contacto de quem possa facultar o acesso à instalação.

As licenças são válidas por um período de 5 anos, renováveis automaticamente por igual período, salvo comunicação escrita devidamente fundamentada da ANACOM, efectuada até 60 dias antes do termo da respectiva validade. Sempre que o titular da licença não pretenda a sua renovação, deve comunicar o facto à ANACOM até 60 dias antes do termo da respectiva validade.

O titular da presente licença fica obrigado a respeitar os níveis de referência constantes na Portaria n.º 1421/2004, de 23 de Novembro, relativa à limitação da exposição da população aos campos electromagnéticos.

As emissões devem obedecer ao disposto no Aviso do ICP - Autoridade Nacional de Comunicações, publicado na III Série do Diário da República, no n.º 168, de 23 de Julho de 2003, relativo às condições técnicas do exercício da actividade de radiodifusão sonora. A potência máxima de saída do amplificador final não pode exceder o dobro da potência de saída necessária, para garantir a emissão do valor da PAR máxima autorizada.

O incumprimento das condições técnicas referidas no parágrafo anterior constitui violação de parâmetros técnicos para efeitos da alínea g) do artigo 10º, da alínea e) do número 1 e do número 4 do artigo 25º do Decreto-Lei n.º 151-A/2000, de 20 de Julho.

CONDIÇÕES ESPECÍFICAS

A presente licença é concedida em conformidade com o(s) seguinte(s) Despacho(s):

DE028201DGE de 30/11/2001

DE011704DGE4 de 10/05/2004

DE10809ADFC de 07/05/2009


José Ferrari Careto
Administrador

Anexo n.º 5 - Entrevistas

Entrevista a João Canavilhas, Director de Programação na RCB

1. Como são organizadas as grelhas de programação na RCB?

De uma forma muito geral podemos dizer que as grelhas são organizadas para acompanhar o dia-a-dia dos ouvintes: No início da manhã, momento em que as pessoas se deslocam para os empregos, é dada prioridade à informação. Final da manhã e tarde são preenchidas com música e passatempos para acompanhar o dia de trabalho ou as tarefas domésticas. No período nocturno são oferecidos programas musicais temáticos para responder a alguns nichos de mercado. Toda a emissão é pontuada com serviços informativos actualizados, sublinhando assim uma das vantagens da rádio. O fim-de-semana tem um ritmo próprio pois as expectativas dos ouvintes são diferentes.

2. Quais são os critérios a ter em conta na organização das grelhas de programação?

Os critérios são muito simples: satisfazer as necessidades informativas e lúdicas dos ouvintes, procurando fazer companhia mas, simultaneamente, formar e informar.

3. Qual a importância dos colaboradores nas grelhas de programação da rádio?

São muito importantes porque trazem para a rádio conhecimentos especializados sobre temas e áreas musicais. Pela sua natureza generalista e debilidade financeira, as rádios locais não podem pagar a especialistas, optando por profissionais multifacetados. Os colaboradores enriquecem a rádio com os seus conhecimentos em áreas de especialização.

4. Qual a importância do site da rádio?

O site é importante porque oferece à rádio uma cobertura global que o espaço hertziano não permite. Para além disso permite ainda uma aproximação aos modelos da imprensa e da televisão, o que esbate umas das fraquezas deste meio: o facto de ser unissensorial.

5. Existe moderação nos comentários inseridos no site?

Os comentários apenas são publicados após a sua aprovação pelos jornalistas.

6. A RCB explora as potencialidades das redes sociais?

A RCB tem presença nas redes sociais, mas a dimensão da equipa não permite uma optimização da presença, que se limita à publicação de alguns conteúdos.

7. Em sua opinião qual a relação existente entre os ouvintes e a RCB?

Parece-me claramente que é uma relação de grande proximidade, como atestam a presença dos ouvintes nos eventos organizados pela rádio e as participações nos passatempos. As maiores dificuldades sentem-se ao nível das gerações mais novas, que estão afastadas do meio rádio, seja nacional ou local.

8. Como avalia o percurso feito pela RCB ao longo dos 25 anos de existência?

Apenas posso falar pelos últimos cinco anos. Neste período procurámos fortalecer os laços com a audiência, nomeadamente através da introdução de programas que abrem a antena aos ouvintes e da organização de eventos. Pensava-se igualmente trazer a rádio para a rua, emitindo em directo a partir de espaços públicos: porém as dificuldades financeiras que o país atravessa estão a limitar a actividade planeada.

9. Os ouvintes contribuem com sugestões de formatos que gostassem de ver desenvolvidos na rádio?

Pouco: sugerem estilos musicais e temas que devem ser objecto de tratamento informativo, mas raramente fazem propostas na área de informação. Quando surgem propostas de formatos, esses ouvintes acabam por se transformar em colaboradores.

10. Em sua opinião quais serão os grandes desafios das rádios locais e da RCB em particular?

Neste momento o desafio é sobreviver. As dificuldades que o país atravessa sentem-se com grande intensidade no Interior do país, o que se reflecte na saúde das empresas e, consequentemente, no fluxo de publicidade. As receitas publicitárias têm caído de forma abrupta, e apesar das alternativas

encontradas gerarem alguns proveitos financeiros, a publicidade tradicional continua a representar quase 90% das receitas. Por isso não se pensa noutra coisa que não seja resistir até a crise passar.

Entrevista a Fernando Fernandes

Responsável pela publicidade na RCB

1. Há quantos anos está ligado à RCB?

Desde Fevereiro de 1991.

2. Como foi a evolução da publicidade ao longo destes anos?

Houve altos e baixos. No princípio foi difícil porque os comerciantes não estavam habituados a fazer publicidade na rádio. Depois houve uma época muito boa que correspondeu aos últimos anos do século passado e primeiros anos deste século. Por fim nos últimos 2 ou 3 anos e devido à crise a publicidade baixou muito. Quando há crise, o primeiro corte que os comerciantes fazem é na publicidade. É uma ideia errada porque a publicidade faz aumentar as vendas- Mas é difícil convencer os anunciantes.

3. Existem formas alternativas de financiamento para além da publicidade?

O sustento de uma rádio local é a publicidade. Mas em tempos de crise temos de arranjar outras ideias. Criar um clube de amigos da rádio, fazer festas e rentabilizar as instalações são algumas ideias.

4. Quais as estratégias que a rádio utiliza para cativar novos anunciantes?

Nos últimos anos para além de se baixar os preços, tem-se criado pacotes de publicidade que englobam vários meses, a preços muito atractivos, para fidelizar os comerciantes por períodos mais alargados.

5. Como são realizados os spots publicitários?

Quando um cliente aceita fazer publicidade eu tento combinar com ele os tópicos que ele quer ver publicitados. Depois, na rádio, é elaborado o texto final e publicidades são gravadas na rádio. Em alguns casos o cliente envia-nos a publicidade já gravada por firmas especializadas. Mas estes casos são mais raros.

6. Quais as épocas do ano em que existem mais anúncios em antena?

É na época do natal que existem mais publicidade, Há 20 anos a rádio criou uma campanha de natal que teve a adesão de muitos comerciantes e juntas de freguesia. A época da páscoa e os meses de verão são também épocas boas de publicidade.

7. Como classifica a relação da rádio com os seus anunciantes?

Essa relação tem que ser a melhor possível. Não podemos esquecer que são os comerciantes que mantêm a rádio. No meu caso prefiro contactar pessoalmente os clientes. O contacto pessoal serve para ver e analisar as reacções dos comerciantes às propostas que lhe são apresentadas. E isso é muito importante.

8. Qual o episódio que mais o marcou durante estes anos?

Em 20 e poucos anos que trabalho nesta rádio, aconteceram inúmeros casos. Uns alegres e outros tristes. Estar aqui a contar seria difícil. Num futuro talvez, a escrever as histórias mais marcantes.

9. Qual o futuro das rádios locais e em particular da RCB?

É um futuro bastante difícil. Devido à crise, os comerciantes tentam cortar nas despesas e para muitos a publicidade é uma despesa evitável. Por isso para manter a RCB vai ser preciso muito engenho e arte. A RCB é muito acarinhada pelas pessoas da região e não só. E isso é uma grande valia. Por isso compete aos trabalhadores da RCB manter viva e dinâmica essa mais-valia. E a RCB, já com 26 anos de idade, tem tido a sorte de contar nas suas fileiras com dedicados trabalhadores e colaboradores. Só assim e com a ajuda de todos, a RCB vai continuar a ser uma voz válida na região.

Entrevista a Ana Gil

Animadora e Produtora na RCB

1. Há quantos anos está ligado à RCB?

Há 19 anos desde 15 de Julho de 1993

2. Como são produzidos os programas de animação?

Não da forma que eu gostaria. Deveriam ser produzidos com tempo e com calma, mas numa rádio local como a RCB o trabalho é muito e o tempo não chega para tudo. Por norma a produção é feita, entre uma coisa e outra, e tem muito a ver com os conteúdos vendidos que é necessário introduzir nos programas.

3. Na sua opinião qual o estilo que agrada mais aos ouvintes da rádio?

Os ouvintes da RCB, na sua grande maioria, gostam de programas de música portuguesa de molde popular/tradicional e programas onde possam participar activamente.

4. A rádio sempre teve esta vertente lúdica na sua programação?

A RCB sim. A participação nos programas sempre foi algo que aos ouvintes da estação e dos realizadores que por cá foram passando ao longo dos anos.

5. Como são concebidos os passatempos?

Conforme a necessidade. Ou porque há uma mudança de grelha de programação e há necessidade de alterar ou criar novos programas. Ou porque há um comerciante/marca que deseja patrocinar um passatempo novo que não existia na rádio. Por exemplo o passatempo “Veia de Poeta” foi criado de propósito e à da firma “O enxoval” que na altura queria um produto para comemorar os seus 25 anos de existência.

6. Quais são os passatempos mais participados?

Todos. Não existem grandes diferenças entre passatempos.

7. Como tem sido o comportamento das participações?

Os ouvintes começam por participar nos passatempos ou pelos prémios ou porque acham graça e chega ao ponto de se tornar um vício e terem de ligar todos os dias para todos os passatempos. Certos ouvintes, se puderem, participam para todos os concursos que a rádio realiza ao longo do dia por vezes só para falarem um pouco com o apresentador.

8. Como classifica a relação da rádio com os seus ouvintes?

Há ouvintes que a apelidam de escola, outros de casa, há quem diga que com a RCB não precisa de ir ao médico nem de tomar medicamentos, porque a rádio é o

melhor remédio que podiam tomar. No fundo o que existe aqui é em grande relação de proximidade.

9. Qual o futuro das rádios locais e em particular da RCB?

O futuro das rádios locais não é nada promissor. As rádios “vivem” exclusivamente das receitas da publicidade e numa altura de crise é a primeira coisa a cortar por parte dos anunciantes alguns, infelizmente, aproveitam a palavra “crise” como desculpa para não investirem nas rádios locais. No caso da RCB, o futuro tal como o das suas congéneres é incerto mas com muito trabalho, espírito de sacrifício, novas ideias, novos projectos e claro com a ajuda dos ouvintes e dos amigos da RCB, esta poderá ser uma das poucas rádios locais do país a sobreviver à crise.

Entrevista a Miguel Malaca Jornalista na RCB

1. Há quantos anos está ligado à RCB?

Há 21 anos desde 1991

2. Qual o acontecimento mais o marcou?

Há muitos acontecimentos destaque 4 pela positiva:

Criação da UBI e do IPCB, abertura dos túneis da gardunha, inauguração da A23, abertura do Parkurbis e o anúncio do Datacenter da PT na Covilhã.

E 4 pela negativa:

Queda do helicóptero na Covilhã, incêndio na Serra da Estrela, bomba na Escola do Fundão e a introdução de portagens na A23 e A25.

3. Como se constrói a informação da RCB?

Dia a dia. Desenvolvem-se contactos, conversamos com as fontes analisamos a agenda, partimos para o terreno fazendo notícias. Um dia intenso embora Não pareça.

4. Quais os pontos fortes e pontos fracos da informação da RCB?

Pontos fortes: isenção, rigor, curiosidade, notícias dos mais variados sectores da sociedade. Estamos praticamente em toda a Beira Interior (Beira Baixa). Conversamos com ouvintes da nossa estação, e estamos onde está a notícia, se aconteceu a RCB informa.

Pontos fracos: Por vezes não temos todos os meios técnicos e humanos para realizar o nosso trabalho, observar melhor a região e informar melhor a culpa é da crise económica e financeira que atravessamos.

5. Como é realizado o Jornal de Desporto?

Essencialmente com notícia de âmbito local e regional contudo também fazemos notícias de eventos desportivos nacionais e internacionais, como o caso deste ano que acompanhámos os Jogos Olímpicos de Londres. São 15 a 20 minutos de panorâmica desportiva com directos, reportagens, resultados das partidas disputadas nessa semana ou fim-de-semana.

6. Quais são as características necessárias para um bom relato de futebol?

Isenção acima de tudo. Mesmo que se tenha clube, não podemos defender ninguém. Temos de relatar o que vemos, perceber de futebol, ter voz forte bom ritmo de relato, muita intensidade na descrição do jogo, alegria emoção e transmitir o que se vê. Concentração, falar do desempenho dos árbitros e dos jogadores em campo. Narrar sem gritar e informar bem.

7. Qual o maior desafio que hoje em dia se coloca aos Jornalistas dos meios de comunicação local?

Trabalhar sem pensar na crise no dia-a-dia e abster-se de pensar no crescimento do desemprego na nossa profissão e na região. O maior desafio será conseguir manter o emprego e continuar a contribuir para a actividade da RCB.

8. Como classifica a relação da rádio com os seus ouvintes?

Muito boa, a roçar o excelente, existe assim uma relação bastante boa entre os dois lados do emissor que funciona quase como uma família, com a RCB a tentar ajudar os ouvintes e os ouvintes a tentar ajudar a RCB.

9. Qual o futuro das rádios locais e em particular da RCB?

Apesar da actual crise que vivemos e o facto de estarmos muito dependentes da publicidade, acredito que vamos conseguir sobreviver e ultrapassar as dificuldades que atravessamos neste momento. Ao longo destes anos a rádio tem sabido dar a volta por cima e superar todos os contratempos. Só o tempo pode dizer o que vai acontecer e da nossa parte vamos continuar a levar mais longe a nossa região a levar mais longe a nossa informação com isenção, rigor, espírito crítico, liberdade e profissionalismo.

Guião para entrevista aos ouvintes da RCB

Nome:

Idade:

Localidade:

1. Pedia-lhe que nos falasse um pouco da sua vida até a este momento.
2. Quando foi que descobriu a rádio cova da beira?
3. Qual o motivo que o leva a seguir a RCB?
4. O que encontra na RCB que não existe noutros meios de comunicação?
5. Qual é a relação que tem com a rádio?
6. Se a rádio terminasse as suas emissões qual seria a sua reacção?
7. O que está disposto a fazer pela RCB?
8. Qual o seu programa favorito? E Porquê?
9. Participa assiduamente nos passatempos feitos pela rádio?
10. Já ganhou algum prémio?
11. O que mudaria se fosse um dos Directores da RCB?

Anexo n.º 6 - História da Rádio Cova da Beira

Como tudo começou:

No Princípio Era o Sonho

No princípio parecia uma brincadeira. Apareceram aqueles dois lá em casa, cada um a querer falar mais que o outro, atropelando-se as palavras de tantos projectos e pormenores técnicos que a gente nem sabia se aquilo era devaneio ou maluquice. O Luis “Bolinhas” ainda vá lá, que lhe devia ter sabido bem o bichinho do microfone na discoteca... mas o Raul, aquele saltitão de sete terras e mil empregos, que diabo de apetites pela rádiopirataragem!

Queriam ajuda do jurista - estatutos para uma cooperativa, escrituras, registos, papeladas. Ou iam atrás de mais um destravado sonhador? Se iam, encontraram-no logo. Que era grande ideia, sim senhor, que era fácil de engendrar, que se arranjava casa, que se procurava dinheiro para os aparelhos, que talentos e amigos não faltariam, que não sei quê mais. Em menos de uma paragem para pensar, eram três a papaguear, cada um por cima das palavras dos outros. Um bloco de papel, uma esferográfica, e já o Tonô perguntava qual seria a minha ajuda. - “Acordar-vos aos três, está visto!”. Quando chegaram as quatro da manhã, discutia-se o nome. Rádio Cova da Beira, deliberação unânime. Tive a certeza de que a partir daquela noite nunca mais havia de se dormir coisa de jeito naquela casa. Parecia que era bruxa...

O que é que aquela gente trabalhou no dia seguinte, não sei. À hora do jantar já as notícias eram mais que muitas. O Bolinhas e o Raul tinham as opções de marcas e preços dos aparelhos (que aparelhos??), o Zeca Fontão tinha topado e já jorrava ideias por todos os poros, o Joaquim Miguel garantia a boa camaradagem de sempre. O Tonô, com aquela obsessão do tempo que voa, tinha falado com o Horácio, se um disse mata o outro logo esfolou - e não estiveram com meias: foram os dois ao banco abrir conta e fazer umas livranças que, está claro, eu tinha de assinar também. Não era aquilo prematuro? Que nada disso, que já havia oferta de um local, que estava já marcada data para os dois pais do projecto irem ao Porto à procura das máquinas. O pior é que foram mesmo, já munidos de cheques assinados pelos outros dois inconscientes - três dias depois!

Não houve tempo para esperar pelo Verão. Uma semana depois estavam reunidos os fundadores (os últimos, acho que os apanharam à falsa fé na esplanada do Cine...) e assinava-se a escritura no Notário. Houve tempo para um brinde e à mesa do café apareceram os primeiros desenhos do símbolo: a irreverente pera com o microfone na mão e as ondas hertzianas a saírem do pedúnculo, sobre a cor verde do concelho; os números da frequência ainda eram incertos mas o nome do Fundão vinha em grande - obra do José Seco, mais um amigo a quem se pediu ajuda. O nome da estação já era, na boca de todos, apenas as iniciais: RCB. Parecia-me ouvi-los já “no ar”.

Foram umas “férias” de loucos. Lá por casa circulavam catálogos, desenhos, títulos para programas. Foram à tropa roubar o Tomás aos serviços de telecomunicações (e o Senhor Capitão deixou-se levar na onda), José Chaparra faria uma antena ainda melhor do que a que já tinha feito para a Rádio dos Enxames, havia topógrafos, faziam-se visitas à Gardunha, ao Cavalinho e à Serra da Cortiçada, parecia que andava tudo num vendaval. Num dia iam a Lisboa ver as grandes emissoras e na noite seguinte aperfeiçoavam-se os projectos; num dia contactavam-se umas empresas e na noite seguinte faziam-se minutas para contratos de publicidade; num dia vinha da tipografia uma caixa de títulos das acções da cooperativa e na noite seguinte já se guardavam num pequeno cofre os trocos recolhidos na rua com a venda das acções. Mobilizava-se toda a gente para dar ideias e ainda-bem-não era andar, andar, andar...

Um dia, aproveitei virmos de viagem (nunca havia tempo, se não fosse assim) para perguntar se os riscos estavam bem medidos, se o passo não estava a ser maior do que a passada. Bela ocasião para tal pergunta... Era preciso chegar depressa, porque nessa mesma noite ia por-se no ar a primeira emissão experimental. Chegámos ao Fundão a tempo de apressar um beijo de boas noites aos miúdos. No éter do Loteamento Rebordão já se ouvia: “Boa noite, Fundão, escutam a Rádio Cova da Beira”. Houve abraços, gritaria, risos pueris - e até lágrimas. Abençoada noite!

Falava-se do Fundão e o Fundão ouvia. No estúdio, as mesas de mistura, a sala técnica, a redacção, os mil e um cabos, tudo muito bem ordenado, mal escondiam os dias e noites de trabalho de um autêntico enxame de boas vontades. O Tomás tratava as questões da engenharia por tu, já o sabíamos. O Raul dormia à volta dos ferros de soldar, o Supico tinha sido arregimentado para a electrónica e mais os sete-ofícios que ele tão bem conhecia, o Luis Bolinhas tanto era “director” a dar ordens

como fazia de servente a tudo o queurgia. O Tonô, o Zeca e o Miguel funcionavam em trio como se toda a vida pensassem a uma só cabeça. Perguntava-me onde estava o “núcleo duro” daquele projecto, mas a resposta era aquele organizado turbilhão de ideias e vontades, tudo a fluir para o mesmo lado. Faziam-se reuniões, marcavam-se entrevistas a projectos de programas, revelava-se o João Saraiva com planos de programação impecáveis, tinha-se falado com o Fernando Paulouro para assegurar a primeira redacção. Apareceu a primeira grelha de programas: quatro horas por noite na primeira semana, abrir a emissão mais cedo logo na seguinte, cobrir toda a tarde antes de se completar o primeiro mês. E era gente nova a chegar... E era a população a aplaudir e a pedir mais.

A RCB estava no ar. Música e palavras pareciam surgir do nada e de todos os lados, minuto a minuto, hora a hora, e os dias preenchiam-se e as semanas completavam-se - ininterruptamente. Como é possível dizer agora quem foram os primeiros? Veio a Música Clássica, pelas mãos do Tó Manel e do João Sabino. Veio o Jazz, da discografia e do labor do Luis Seco e do José Manuel Neves Costa. Veio o Desporto, pela carolice do Mestre Manel, do Zizi, do Rui Corsino, do Zé Quim, do Leal Martins, do Zé Miranda, do Rui Quelhas. Veio a Cultura, pela palavra das lendas e tradições contadas por Antonieta Garcia, pelos “Livros Falantes” abertos por Fernanda Sampaio, pela poesia das “Margens” talhadas pela voz de Fátima Freitas, e vieram África e o “Brasil com z”, e as recordações de “60-70”, e a qualidade do “Lado B”, e a juventude da “Associação de Estudantes”, e a cultura da emigração com a programação de língua e história francesas. O Tonô arrancava com a grande informação, o Zeca Fontão dava o exemplo de tudo o que era criatividade, o Joaquim Miguel desdobrava-se entre a organização, o apoio a todos e a sua “perninha” de cinema e música séria. A Fátima (a nossa Fatinha) passou da poesia para o jornalismo, fazendo-se a primeira trabalhadora da Estação; a Leninha veio a seguir - e as duas, mais o Mário Antunes e o Fernando Teófilo, asseguraram os noticiários à hora certa. Os técnicos andavam pelos telhados das redondezas, recebidos amistosamente pelos vizinhos a quem o som da RCB entrava pelo meio dos programas de televisão - e afinavam-se os megahertz da frequência. Quando a emissão fechava, era um estúdio a abarrotar: os que acabavam o programa e ficavam, os que vinham preparar o dia seguinte, os que vinham só para ver o que faltava... e a população que vinha ver e apoiar.

No dia em que os ouvi dizer que a emissão preenchia todo o dia e cobria todo o concelho, perguntei: “Está feito?”. Um deles respondeu: “Está pronto para

começar”. Estava feito o tempo do começo. Talvez só o tempo do sonho. Daquele sonho em que, como ensina o alquimista poema, “o mundo pula e avança”.

Isabel Salvado

Um Retrato em números...

R.C.B.- Rádio Cova da Beira, Cooperativa de Responsabilidade Limitada, foi constituída por escritura pública, lavrada no Cartório Notarial do Fundão, em 18 de Junho de 1986 e registada na Conservatória do Registo Comercial do Fundão sob o nº. 7 - Livro J1 - fls. 9 Vº. O Capital Social inicial era em finais de 1986 de apenas 54.000\$00.

A adesão dos fundanenses ao projecto, levado a cabo, com sucesso, por um grupo de carolas, fizeram aumentar o capital social para 1.912.500\$00, no final de 1987.

O capital social, depois da redenominação de escudos para euros, passou a ser de 106.870,00 euros, representados por 21.374 títulos.

Os estúdios e serviços administrativos funcionaram em condições precárias, num sótão, onde também se encontravam instalados os emissores e as antenas de radiação. As emissões experimentais tiveram início no dia 29 de Novembro de 1986, emitidas na frequência 100.0 Mhz. Todavia, as emissões regulares, passaram a ser emitidas na frequência 93.0 Mhz e iniciaram-se no dia 10 de Janeiro de 1987, com quatro horas de programação diária: abertura às 20 e encerramento às 24 horas. Funcionou nesta frequência até Setembro de 1988, com 12 horas de programação diária. Neste mês, por determinação Governamental foram encerradas todas as estações de rádio, não licenciadas, entre as quais se encontrava a RCB - Rádio Cova da Beira.

O projecto de licenciamento, apresentado na DGCS e no ICP - Instituto das Comunicações de Portugal, mereceu a devida aprovação, tendo sido concedido à RCB, pela Direcção Geral da Comunicação Social o Alvará de Radiodifusão Sonora em 22 de Maio de 1989, para emitir na frequência 92.5 Mhz na banda de FM Estéreo, com a potência de 27 dBW (500 w).

A renovação de Alvará para o Exercício da Actividade de Radiodifusão, ocorreu no dia 9 de Fevereiro de 2000, pela deliberação nº. 198/2000 da Alta Autoridade para a Comunicação Social e publicação no Diário da República -II série, nº. 49 de 28 de Fevereiro.

A 19 de Novembro de 1989 iniciaram-se as emissões regulares, com toda a situação legalizada, emitindo 16 horas de programação diária, das 08 às 24 horas, com seis blocos informativos. Face às exigências dos ouvintes, foi o horário alterado, sucessivamente: em Janeiro de 1990 para 17 horas; em Março para 18 horas. Finalmente em Setembro do mesmo ano a RCB - Rádio Cova da Beira, passou a emitir 24 horas diárias. A Rádio Cova da Beira emite através de emissores e retransmissores com ligação por Feixe Hertziano, pelo sistema Link. O Centro emissor principal e antenas encontram-se instalados num dos pontos mais altos da Serra da Gardunha, no sitio do Cavalinho, emitindo na frequência de 92.5 MHz. Desde o dia 21 de Novembro de 1997, encontra instalado o centro emissor do Açor, no sitio da Maunça, depois de ter sido concedida à Rádio Cova da Beira a instalação de uma Microcobertura, que passou a retransmitir na frequência 107.0 Mhz. Os cinco estúdios funcionam em sistema auto-operado: O Estúdio 1 para emissão. O estúdio 2 e 4 para emissão, trabalhos de produção e gravação. O estúdio 3, trabalhos de gravação e montagem de trabalhos de reportagem. O estúdio 5, gravação, montagem de trabalhos de reportagem e de apoio ao auditório.

Anexo n.º 7 - Estatuto Editorial da RCB

A R.C.B.- Rádio Cova da Beira, Cooperativa de Responsabilidade Limitada, fundada em 18 de Junho de 1986, com alvará de radiodifusão da D.G.C.S. de 22/05/89, declarada de Instituição de Utilidade Pública ao abrigo do Artigo 460/77 de 07 de Novembro pelo Ex.mo Senhor Primeiro Ministro, Eng.º António Guterres em 07 de Outubro de 1997 (Publicado no Diário da Republica, II Série nº. 244 de 21/10/97), é um órgão de comunicação social vocacionada para servir a comunidade do concelho do Fundão e a sub-região da Cova da Beira, nomeadamente, prestando informação sobre os vários domínios da vida social e colectiva e o seu Estatuto Editorial rege-se por parâmetros de deontologia e de ética inerentes ao serviço público que se propõe prestar:

A R.C.B. - Rádio Cova da Beira, CRL, agirá sempre com rigor, isenção e objectividade, garantindo a valorização cultural das populações do concelho, assegurando a possibilidade de manifestação e o confronto das diversas correntes de opinião, através do estímulo à criação e à livre expressão do pensamento e dos valores culturais que exprimem a identidade da região, garantindo ainda, a independência política, religiosa e económica.

A R.C.B. - Rádio Cova da Beira, CRL, promoverá o pluralismo ideológico e a livre expressão e o confronto das diversas correntes de opinião, essenciais à prática da democracia e na defesa do espírito crítico das populações, na informação que edita e emite;

A R.C.B. - Rádio Cova da Beira, CRL, assegura a igualdade de informações políticas e sindicais, credos religiosos e dos agentes económicos;

A R.C.B. - Rádio Cova da Beira, CRL favorece o conhecimento mútuo, o intercâmbio de ideias, o exercício da liberdade crítica entre as pessoas, qualquer que seja a diversidade de idades, ocupações, interesses, espaços, origens e hábitos de convivência cívica;

A R.C.B. - Rádio Cova da Beira, CRL, pautará a sua actividade de radiodifusão pela defesa dos interesses das comunidades do concelho e da sub-região da Cova da Beira,

onde se encontra inserida, estando particularmente atenta às suas carências e dificuldades, contribuindo para a promoção do progresso social e cultural, da consciencialização política cívica e social das populações, bem como a defesa da preservação do meio ambiente;

A R.C.B. - Rádio Cova da Beira, CRL, prestará a atenção devida aos aspectos recreativos e culturais e sócio-desportivos, apoiando-os, divulgando-os e promovendo-os.